

17.^º DO 48.^º ANO

Lisboa, 1 de Setembro de 1936

Número 1169

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

FUNDADA EM 1888

REVISTA QUINZENAL

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Gazeta dos Caminhos de Ferro
5, Rua da Horta Sêca, 7

COMÉRCIO e TRANSPORTES / ECONOMIA e FINANÇAS / ELECTRICIDADE e TELEFONIA / NAVEGAÇÃO e AVIAÇÃO / OBRAS PÚBLICAS / AGRICULTURA MINAS / ENGENHARIA / INDUSTRIA / TURISMO e CAMINHOS DE FERRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Horta Sêca, 7, 1.^º
Telefone: P B X 20158



BOVRIL

*Não conhece?! Bem se vê; se o tivesse tomado
não estava assim!*

AGENTES EM PORTUGAL: A. L. SIMÕES & PINA LTDA. R. DAS FLORES, 22 e 22A. LISBOA.-

Adega Regional de Colares

FUNDADA EM 1931

Grémio de Viticultores

Sede: COLARES-BANZÃO

Telefone: COLARES 10

Telegramas: «Regional Colares»

Instituição oficial que labora em comum as uvas características da região de Colares, e que garante, com a sua direcção técnica e fiscalização, a genuinidade e pureza dos vinhos por essa forma fabricados.

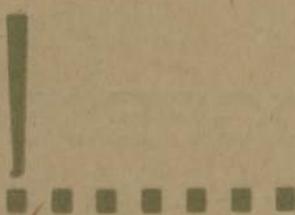
«Não é de louvamina, nem de lisonja, que tenho a satisfação de lhes afirmar que trouxe da visita à vossa Adega a melhor impressão, sob todos os pontos de vista, moral, material e social e designadamente aquela relevante percentagem de acção humanitária, que é a faceta altamente simpática da vossa utilíssima organização».

(CASA DO DOURO)
GRÉMIO DOS VINICULTORES
DO CONCELHO DE ALIJÓ

Alijó, 27 de Janeiro de 1936

Pela Direcção

a) Manuel Carvalho de Mattos



Toda a pessoa que apresentar êste anúncio na Alfaiataria Rex—Rua Eugénio dos Santos, 99, 1.^o tem direito a um bonus de 5% sobre o valor total das suas compras quer se trate de fatos a feitio, completos ou fazendas.

"Viriato Cabeleireiro"

Ex-sócio do "CABELEIREIRO VOGA"

participa às suas Ex.^{mas} Clientes que se mudou para a Rua Eugénio dos Santos, 76-1., telef. 23190 (junto à igreja) e com êle os seus empregados Berta «manucure» e o cabeleireiro Sousa. Mais participa às suas Ex.^{mas} Clientes que mantém os mesmos preços. Esta casa é a melhor que serve pois possui os mais aperfeiçoados aparelhos «EUGE» sem fios e química auto-color.

Permanentes desde 35\$00; tintas desde 20\$00;
mise-en-plis 7\$50; corte de cabelo 3\$00

Tomás da Cruz & Filhos, Ltd.^a

Telefone PRAIA DO RIBATEJO N.^o 4

Armazens de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração

PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA
DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO

CAIXOTARIA

DOCA DE ALCANTARA

L I S B O A

Séde para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO — PORTUGAL

Telegrams: TOCRUZILHOS

Praia do Ribatejo

Vendas a Prestações

de todos os artigos de
primeira necessidade

Rua dos Fanqueiros, 44, 2.^o

Telef. 26014

REAL PORT

Nome porque é conhecida em todo o mundo

A



Fornecedor da Presidência da República

A MAIS IMPORTANTE COMPAÑHIA VINICOLA DA PENINSULA

AS MELHORES MARCAS DE:

Vinhos do Porto

Revinor, Particular, Medalhas, W. Superior,
Portugal Velho

Vinhos de Mesa

Grandjó, Ermida, Douro, Clarete, Evel, Família
verdes Agulha e Lagosta
e os célebres vinhos de COLARES de que esta
Companhia tem o exclusivo

Espumantes naturais

Assis Brazil, Extra Reserva, Progredior

Aguardentes

Cavaleiro, Old Brandy, Very Old Brandy

Vinhos Quinados

Muito apreciados no Brasil e África
Vig e Vat

Vermouths

Dentre os quais se citam o Vermouth «Maxim»
que tam justa fama alcançou

Os vinhos desta Companhia encontram-se
em todos os bons estabelecimentos



La Préservatrice

COMPANHIA DE SEGUROS



Desastres no Trabalho / Desastres Pessoais
Responsabilidade Civil / Automóveis
Incêndio / Roubo / Etc., Etc.

A MAIS ANTIGA EXPERIÊNCIA
A MAIS MODERNA TÉCNICA

Desperdicios de Algodão *para Limpesa de Máquinas*

TODAS AS QUALIDADES
TODOS OS PREÇOS
TODOS OS CLIENTES SATISFEITOS

Se não estiver contente com o seu fornecedor, consulte a fábrica de transformação

L. FARGE

que lhe fornecerá a qualidade desejada e que melhor se adapte ao seu ramo.

L. FARGE

RUA DO FREIXO, 1291 — PORTO

Telefone: 4494
Telegramas: EGRAF-PORTO
Código: A. B. C. 6.^a Edição

Agentes exclusivos para o sul (além Mondego):

VALADAS, LIMITADA

Calçada Marquez de Abrantes, 1 a 5 — LISBOA

OFICINA DE SOLDADURA ELECTRICA A PROGRESSO, L.^{DA} SERRALHARIA MECANICA E TORNOS

Executam-se todos os trabalhos em Soldadura eléctrica pelos processos mais modernos; as nossas Máquinas de Soldadura eléctrica são adaptadas com energia própria que nos facilita fazer qualquer trabalho de soldadura, cortes, etc., em casa do cliente e em qualquer ponto do país, mesmo que nesse local não tenha energia eléctrica.

Executa-se também todos os trabalhos de Soldadura Autogenia.

Reparação em Motores a óleos pesados, Máquinas a Vapor, Debulhadoras, Tractores e todo o Material Agrícola e Naval.

Picagem e pinturas de Navios, e serviços do Mergulhador.

ORÇAMENTOS GRATIS, EXECUÇÕES RAPIDAS

SÉDE:

LISBOA — Doca de Alcântara (lado Norte)

FILIAIS:

Porto — Rua da Restauração, 84

Vila Franca de Xira — L. do Marquez de Pombal, 70

TELEFONES { Lisboa 22064
{ Porto 1065
{ Vila Franca 24

EXTINTOR DE INCENDIOS

SALVANTE

FABRICAÇÃO NACIONAL

O mais prático

O mais seguro

Não tem válvulas nem torneiras

SIMPLES-SEGURO

ECONÓMICO

O EXTINTOR

SALVANTE

foi oficialmente aprovado para uso da Marinha de Guerra e pela Direcção da Marinha Mercante para uso de navios mercantes

DÃO-SE FACILIDADES DE PAGAMENTO

Extintores "PRIMEX"

Pistolas "ANTIFYRE"

Para Automóveis e Camionetas
Teatros e Cinemas
e Antifyre Pum

CONSULTE:

F. ROSA PÊGA

Rocio, 93, 1.^o D.

Telefone 22450

LISBOA



Fabricam-se dois tipos
Marinha e Industrial
e qualquer outro
tipo de encomenda

MÁQUINAS E FERRAMENTAS

Espalhadeiras
Reaquecedores
Sopradores
Carros de mão em ferro
Picaretas
Pás
Enxadas
Escóvas de piassaba
Escóvas de aço
Relogios ZENITH para o controle
de veiculos e tôda a espécie
de máquinas
etc., etc., etc..

INDÚSTRIA NACIONAL

ENTREGAS IMEDIATAS

Oliveira & Corte Real, L.^{da}

Rua dos Fanqueiros, 62, 1.^o

LISBOA

Telefone: 20646

Telegrams: CORAL

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

CAPITAL ACCÕES— Esc. (ouro) 13.500.000\$00
CAPITAL OBRIG.— Esc. (ouro) 44.165.070\$00

SÉDE EM LISBOA

LARGO DO QUINTELA, 3

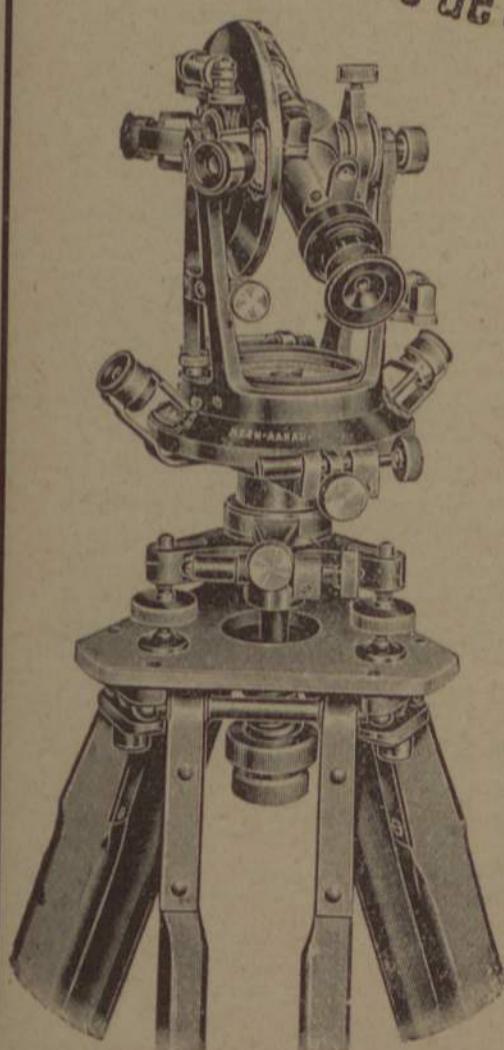
COMITÉ DE LONDRES:

PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração:
Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros
1.347. Distância do Lobito à região mi-
neira da Katanga: Quilómetros 1.800

Kern
AARAU
SUISSE

Boites de compas de précision



INSTRUMENTOS
DE PRECISAO

Kern
AARAU

TAQUEÓMETROS

ALIDADES

TEODOLITOS

BINÓCULOS

Vendas a retalho
em tôdas as casas
da especialidade

AGÊNCIA EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 15, 2.^o

VAI VIAJAR?

Lembre-se de que pode sofrer um aci-
dente e de que um penso rápido
APPLICA, que custa 10\$00 ou
12\$00, é o socorro pronto, fací-
limo de executar, para
todos os ferimentos.

A venda em todas as farmacias e drogarias

PEDIDOS A

Costa Santos & Stadlin, L.^{da}

Rua da Trindade, 15, 1.^o

TELEFONE 25970

L I S B O A

FASSIO, L.^{DA}

Motores industriais «Crossley», a oleos e a gaz pobre, terrestres e marítimos.—**Locomoveis e Caminhheiras** «Clayton».—**Tractores** «Oliver-Hart-Parr» e «Allis-Chalmers-Monarch» a petroleo e a oleos, de rodas ou de rasto contínuo.—**Camions** «Condor» a oleos.—**Correias de transmissão** «Goodrich», para todas as industrias.—**Debulhadoras** «Clayton» e «Ajuria».—**Maquinas** agrícolas e productos para a Agricultura.—**Maquinas** a vapor «Wolf»

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 20

PORTO — Praça da Liberdade, 53-1.^o

BEJA — Largo da Feira

Usem

O



BICICLETA APÍLIA

A única bicicleta que se vende em Portugal, garantida por dês anos, montada com tobagem RENOLDES.

É a maquina perferida pelos principais áses do ciclismo.

Assessórios e reparações

Pinturas garantidas

João Ferreira

31, RUA FEBO MONIZ, 35, LISBOA

PASSAGENS

PASSAPORTES



Para todos os portos da América do Sul, do Norte e países da Europa

TRATA O AGENTE HABILITADO

ANTONIO TOMÉ D'OLIVEIRA

Rua dos Remolares, 6, 1.^o Dt.^o (Ao Cais do Sodré)

Telef. 26909-LX.^a

CORDY

A MELHOR ESPINGarda

DE

CAÇA E STAND

REPRESENTANTE EM PORTUGAL

A. Montez

Praça D. João da Camara, 3

LISBOA

M. Gordon, L.^{da}

Armazem de Quinquilherias — Cutelarias, Brinquedos, Isqueiros, Lanternas, Pilhas, Pentes, Travessas, Óculos, Canetas, Lapiseiras, Boquilhas, etc.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

SEMPRE NOVIDADES

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

103, R. dos Fanqueiros, 105—LISBOA—Telefone 28389

JOAQUIM RAMALHO

Compra e Venda de Propriedades

— Recebimentos de Rendas, Hipó-

— ticas e Trespasses —

COMISSÕES e CONSIGNAÇÕES

ROSSIO, 93, 1.^o D.—TELEF. 28421

LISBOA

PARA

PINTAR

AREDES

Use MURALINE

UMA TINTA QUE SE PREPARA

EM MINUTOS

SECA EM HORAS

E DURA ANOS

DEPOSITÁRIOS:

MARIO COSTA & C. A. L. DA

Rua do Almada, 30-1.^o e 2.^o — PORTO — Telefone 2571



CALDELAS

O Pelourinho

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

REVISTA QUINZENAL FUNDADA EM 1888

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Integrada na «Associação Portuguesa da Imprensa Técnica e Profissional»
e na «Federação Internacional da Imprensa Técnica e Periódica»

PREMIADA NAS EXPOSIÇÕES: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898; — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Porto
1897; — Liège 1906; — Rio de Janeiro, 1908; Porto, 1934; — MEDALHAS DE BRONZE: Antwerpia, 1894
S. Luiz, (Estados Unidos) 1904;

Delegado em Espanha: EUGENIO DEL RINCON, Vicente Blasco Ibanez, 67-3.^o — Madrid
Delegado no Pôrto: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893

S U M Á R I O

Caldelas, O Pelourinho. — Notas soltas, por X. — O Caminho de Ferro de Ayamonte a Huelva, pelo Eng.^o J. FERNANDO DE SOUZA. — Carlos d'Ornellas. — Sintra-Colares, por A. TRIGUEIROS. — António Guedes. — Expresso a Montemór-o-Novo. — As Contas de Angola em 1934-1935. — Crónica Internacional, por PLÍNIO BANHOS. — Diversos aspectos de Portugal Turístico. — Crónicas de Espanha por CARLOS D'ORNELLAS. — Construção da ponte «Admiral Graf Spee» sobre o Rheno. — Ecos & Comentários, por SABEL. — Linhas Estrangeiras. — Caminhos de Ferro. — Os metais leves no material de Caminhos de Ferro. — Assentamento de Via Férrea, por ANTÓNIO GUEDES. — Ha quarenta anos. — Parte Oficial. — Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da B. A.

1 9 3 6

FUNDADOR

L. DE MENDONÇA E COSTA

DIRETORES

Eng.º FERNANDO DE SOUZA
CARLOS D'ORNELLASSECRETARIOS DA REDACÇÃO
OCTÁVIO PEREIRA

Eng.º ARMANDO FERREIRA

REDACÇÃO

Eng.º M. DE MELO SAMPAIO

DR. AUGUSTO D'ESAGUY

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

Dr. ALFREDO BROCHADO

ANTÓNIO GUEDES

EDITOR

FERNANDO CORRÊA DE PINHO

COLABORADORES

General JOÃO D'ALMEIDA

Brigadeiro RAUL ESTEVES

Coronel CARLOS ROMA MACHADO

Coronel Eng.ª ALEXANDRE LOPES GALVÃO

Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES

Capitão de Eng.ª MÁRIO COSTA

Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN

Engenheiro PALMA DE VILHENA

Capitão de Eng.ª JAIME GALO

Coronel de Eng.ª ABEL URBANO

Dr. JACINTO CARREIRO

Tenente HUMBERTO CRUZ

Capitão BELMIRO VIEIRA FERNANDES

Dr. PARADELA DE OLIVEIRA

DELEGAÇÕES

Espanha — EUGENIO DEL RINCON

Pôrto — ALBERTO MOUTINHO

FREÇOS DAS ASSINATURAS E NÚMEROS
AVULSO

<i>PORTUGAL</i> (semestre) . . .	30\$00
<i>ESTRANGEIRO</i> (ano) £ . .	1.00
<i>ESPAÑA</i> () ps. ^{as} . .	35.00
<i>FRANÇA</i> () fr. ^{os} . .	100
<i>ÁFRICA</i> () . .	72\$00
Empregados ferroviários (tri- mestre)	10\$00
Número avulso.	2\$50
Números aíravados.	5\$00

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
RUA DA HORTA SÉCA, 7, 1.^o

Telefone P B X 2.0158

DIRECÇÃO 2.7520

NOTAS SOLTAS

Por X

O DESTINO É CRUEL...

Uma pessoa muito conhecida nos meios políticos, falecido ha bastantes anos, dizia — com certa enfase imoral que tinha ocupado determinado lugar — já de categoria, — sem haver feito cousa alguma...

— Já lá vão quatorze anos...

Quem o ouvira e que fizera da sua vida de sempre um padrão nobilíssimo de honra e trabalho, ficará perplexo, vendo que longe de ocupar um lugar de destaque, ao tempo, apesar de lhe estarem cometidos serviços mui semelhantes aos daquela categoria, entretanto, não passava de um empregado esquecido, só lembrado pelas necessidades do serviço, em que tanto havia de bárbaro e revoltante egoismo.

A medida, porém, que subia lentamente ou fazia dificilmente o acesso na sua vida de trabalho prestante e honesto, via que aquêle outro, servindo-se do critério que seguia (não fazer nada) para obtenção de elevados postos galgava situações... Assistia profundamente maguado, intimamente revoltado, ao contemplar a diferença de tratamento, e verificando que o seu trabalho, — por interessar vivamente a colectividade, — não era olhado, por forma a que dêle cohesse, pelo menos, o prémio a que tinha jus repugnando-lhe tudo o que constituísse objecto de favoritismo.

Atingiu situações altamente prestigiadas, — o que cousa alguma fizéra por merecê-las, — e êste outro, que tinha por divisa ou lêma — um trabalho que era todo o seu maior orgulho e título de honra, — vira-se esquecido, ludibriado em seus direitos; vendo-se prejudicado no acesso aos lugares imediatos; em seus salários justíssimos e convencionados e por uma falange de apaniguados, dos chamados felizes da sorte!

E assim se sacrificou — pelo bem comum — e, depois velho, gasto, tendo dado o melhor da sua inteligência, bôa vontade e isenção, olhava tristemente toda a sua vida feita de sinceridade, alma sedenta de justiça e beleza moral, e condenado, ainda por cima, ao ostracismo. Curvado ao peso de uma vida difícil estava, perante êste dilema horrível que constitue o enorme pesadêlo dos honrados e laboriosos, — de salários cerceados, explorado em tudo que adquiria, até pelos próprios serviços, — a que deu margem uma sociedade que foí descendo na craveira moral, obsessa pela desmedida ância de conseguir, o que não podendo, bastas vezes, obtê-lo legitimamente, o procurava, fazer á custa dos outros...

«E não é assim, bem cruel o destino...»

ACTOS QUE ILUSTRAM...

O homem fundamentalmente bom, — educado em sãos, sóbrios e nobres princípios, — de preferência servindo e cultivando as melhores qualidades, — deixa

(Continua na pag. 459)

O CAMINHO DE FERRO D E AYAMONTE A HUELVA

Pelo Eng.^o J. FERNANDO DE SOUZA

FOI inaugurado em 23 do corrente, nesta hora angustiosa da vida espanhola, o trôço de caminho de ferro de via larga de Ayamonte a Huelva, que em Gibraleon entronca na linha de Zafra a Huelva e assim oferece seguimento ao movimento ferroviário de Ayamonte até Sevilha. Tem êsse curto trôço de linha de cerca de 60 quilómetros e história acidentada, da qual rezam as páginas da *Gazeta*.

Em 1913 consagrei-lhe três artigos, que importa exumar do limbo, recordando os seus tópicos. Por êles se verá a parte que tomei como vogal e secretário do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado na classificação e concessão dêsse trôço de linha, com o fito de estabelecer entre Lisboa e Sevilha caminho mais curto e pela linha do Sul—Lisboa e Vila Real—com o trôço fluvial da travessia do Guadiana assegurada por um serviço complementar de vapores.

Na proposta de lei de 24 de Março de 1904, por mim elaborada por incumbência do Conde de Paçô Vieira, inclui na base 3.^a a autorização para o estabelecimento dêsse serviço fluvial, para o qual estava prevista uma ponte-cais no topo da linha do Sul. O seu complemento seria a construção de obra idêntica em Ayamonte no extremo do trôço que se construiria de Ayamonte a Huelva.

Fôra publicada em Espanha a lei de 20 de Julho de 1904 destinada a facilitar a constru-

ção dos caminhos de ferro secundários mediante a garantia de juro concedida a certas linhas. Mandara-se elaborar o plâno das linhas a que a lei se devia aplicar.

Propuz então e foi aprovado que eu fôsse a Espanha estudar as ligações com a nossa rede que possivelmente houvessem de ser incluídas nesse plâno.

Tratei do assunto em Madrid e Zamora.

Não vem a propósito referir nêste artigo as diligências feitas a respeito de outras linhas para só me ocupar da de Ayamonte a Huelva que a comissão tencionava propôr, mas com a via de 1^m, o que daria lugar a trasbordo em Huelva.

Procurei interessar pela sua construção a Companhia do M. Z. A., frisando o valôr do tráfego combinado com as linhas portuguesas e consegui que ela mandasse fazer o estudo do tráfego provável.

Foi afinal publicado em Espanha o plâno em que se incluía a linha de Ayamonte a Huelva, mas de via estreita com garantia de juro.

Seria difícil haver quem tomasse a concessão de um trôço isolado de 60 quilómetros apenas. Convinha que fôsse incorporado na rede da M. Z. A., concessionária e exploradora da linha de Huelva a Sevilha.

Para facilitar a construção propuz e foi aprovado por portaria de 8 de Agosto de 1906 que se concedesse determinado bónus sobre o produto do tráfego combinado á respectiva emprêsa, sob condição porém de ser construída a linha de via larga, embora a base de garantia de juro fôsse o custo da via estreita. Os encargos de diferença de custo encontravam-se com a participação de receitas oferecidas.

Eis os termos em que em artigo da *Gazeta* de 16 de Março de 1913 expliquei essa combinação:

Como encontrar quem construisse e explorasse um trôço isolado de 60 quilómetros?

Parecia pois a questão pouco susceptível de solução favorável, quando a Administração dos caminhos de ferro do Estado encontrou no Sr. Conselheiro Frederico Ramirez dedicado cooperador. Engenheiro e industrial, político considerado, possuidor de valiosas relações na região, onde era justamente estimado, desejoso de fazer progredir Vila-Real, reunia todos os predicados precisos para

chamar ao campo da realização prática o plano de ligação ferroviária por Ayamonte.

Aos seus esforços se deveu a entrada em campo da Câmara de comércio de Ayamonte, a reunião em Huelva de deputados, senadores, representantes dos *Ayuntamientos* e da *Diputacion*, oferta de subsídios locais, um movimento regional de opinião enfim, que podesse impôr-se ao Governo espanhol.

Das negociações havidas e dos estudos a que se procedeu, resultou a convicção de que o Estado português podia e devia auxiliar a construção da linha, não já pela forma outrora adotada para as de Salamanca á fronteira, mas considerando a respectiva emprêsa exploradora como agência de tráfego, á qual se desse um subsídio constituído por certa percentagem das receitas do serviço combinado, destinada a compensar o encargo adicional resultante da adopção da via larga.

Por portaria de 8 de Agosto de 1906, foi pois auctorizada a Administração a dar um bónus de 10% sobre o partice dos linhas do Sul e Sueste, no serviço combinado, á emprêsa que venha a explorar a linha de Ayamonte a Huelva, com a condição de a construir de via larga. O serviço fluvial seria feito pela Direcção do Sul e Sueste. Essa expressa condição, a que ficou adstricta a concessão do bonus, mostra bem o pensamento que a ditou.

Estava a linha classificada para via estreita e como obteria a garantia de juro, a qual teria pois por base o custo da linha, orçado para esse tipo de via. Interessava ao Estado português a adopção da via normal, mais dispendiosa portanto. Subsidiava a emprêsa, dando-lhe, sob a forma de bonus, uma compensação dos encargos do capital dispendido a mais, por virtude dessa mudança de tipo de via.

Dava-se esse auxílio á emprêsa exploradora, para evitar compromissos anticipados com entidades que poderiam não levar a cabo o empreendimento. Quando a construção fôsse facto consumado e a linha se achasse em exploração, ao capital suplementar dispendido, cujos encargos eram naturalmente assumidos pela entidade exploradora, dava-se uma justa compensação.

Essa participação de receitas em Portugal, não era pois de modo algum um rendimento próprio da linha, que do seu tráfego em Espanha proviesse.

Para os efeitos legais da garantia, considerava-a o Governo espanhol, de via reduzida. Por consentir, no seu próprio interesse, no emprêgo da via larga, não podia de modo algum derivar a consequência de se incorporar a compensação correspondente — obtida dos caminhos de ferro portugueses em relação a percursos e taxas em terri-

tório português — entre as receitas próprias da linha.

Era uma combinação financeira inherente á construção, embora dependesse, na sua realização prática, da exploração.

Em certa altura entrou em cena a Sociedad española de ferrocarriles secundários, a cuja administração pertenciam, entre outros, o engenheiro Chatain, que servira na construção das linhas do Vale de Vouga.

Obtive, a seu pedido, da nova Administração dos Caminhos de Ferro do Estado que mantivesse a promessa do bonus.

Afinal a linha foi concedida de via larga àquela sociedade, mediante concurso, em 21 de Agosto de 1913, e em fins de 1913 começou a construção com actividade. Os capitais eram em boa parte franceses.

A concessão da linha coincidiu com o impulso dado à construção da linha do Sado que encurta o trajecto de Lisboa a Vila Real.

Sobreveiu infelizmente a guerra e os trabalhos fôram interrompidos por largos anos.

Só ultimamente se removeram as dificuldades e hoje a linha está concluída e foi inaugurada logo que a região foi pacificada e o ominoso domínio comunista varrido nela pela acção comunista patriótica do Exército espanhol.

Foi posta de parte a miragem da ponte internacional sobre o Guadiana, que a ligação das duas margens por serviço fluvial combinado com o dos caminhos de ferro suprirá satisfatoriamente. Esperemos que a conclusão da linha de Ayamonte a Huelva determine afinal o seu estabelecimento.

Como se vê do relato que fiz, recordando as vicissitudes da concessão e construção da linha, foi considerável e persistente o esforço português que para isso contribuiu.

CARLOS D'ORNELLAS

Em serviço especial de reportagem do jornal A Voz partiu para Espanha em 20 do mês findo o nosso director Carlos d'Ornellas que nas suas crónicas no referido jornal, e nesta Revista nos dará as suas impressões sobre o movimento da guerra civil no país vizinho.

NOTAS SOLTAS

(Continuação da pag. 456)

atraz de si um rastro brilhante não só das suas acções como servem estas de influxo e poderoso exemplo naqueles a quem as mesmas acções mui justamente colhem em estímulo, incentivo e que será o melhor continuador do que melhor diz também do homem e o distingue.

O homem, com o espírito e o coração assim superiormente formados, não pode conceber a prática de maus actos e de maus processos de vida,— pelo que se infere que necessário se torna educar o homem, formar-lhe o carácter e o coração, sameando constantemente o ambiente social, que enferma da falta de uma escola de educação cívica e social,— a Religiosa por melhor,— que por assim dizer não existe, e que hade ser Ela, edoneos caracteres que virão a reformar o nosso meio social — trazendo a todos a necessidade de reciproco entendimento como ainda levará a criarse entre todos, o espírito natural de uma comunhão de idéas e interesses afins, diminuindo em todos as ambições e egoismos contrários à estabilidade e felicidade do meio social ou colectivo.

Rasguemos, pois, à humanidade, os novos horizontes que procuram conduzir a esse belo entendimento entre os componentes da sociedade, que não podem de modo algum dividir-se, e antes procuram unir-se em tão elevado objectivo,— o que mais aproximará os homens e criará entre eles a solidariedade, que dali nasce e melhor os identifica, desde que sirva, com sinceridade a máxima sublimamente do Cristo:— não faças a outrem o que não queres que te façam,— o que infelizmente está tão fugidia do coração humano.

Cometamos todos, e nisso mesmo nos apostemos, aquelas acções que evitem o descalabro social que vai em todo o mundo,— pela falta de humanidade, que muito provem da falta de uma sã educação desde o berço,— formando e acompanhando o homem—nos primóres do coração e da bondade, irmanados num pensamento sublime:— *a felicidade colectiva*.

Estas acções quando tendentes à realizar êste tão nobre desideratum,— são daquelas que ilustram quem as pratica e conduzem à tranquilidade de espírito em todos,— visto que tanto hão-de sublimar e engrande-

cer o meio social, no que de ha séculos lutam os altos espiritos benemeritos que, sómente, se satisfazem — trabalhando pelo aperfeiçoamento e felicidade colectiva.

A JUSTIÇA A QUEM A MERECE...

Tôda a gente sabe, tôda a gente inteiramente pensa e faz justiça — a todo o homem que, por seu esforço honesto e dedicação provada, dignifica o seu *métier*, contribuindo para elevar e dignificar a classe profissional a que pertença.

Uma das mais nobilitantes classes, onde se encontram virtudes, castiças, mentalidades, dedicações, serviços prestados, igualados, mas não excedidos, é a do funcionalismo público em todo o mundo.

Ótimos colaboradores quase sempre, e tem-no sido do progresso operado — nos serviços estadoais,— viu-se, por vezes, denegrido, como prejudicado, o que é mau prémio e pior estímulo.

Todos os elementos de aturado e produtivo trabalho, carecem de ser olhados, com particular carinho e interesse, pois que são os melhores exemplos e os elementos que dão incondicional vantagem.

Olhar, pois, pelos seus direitos, premiá-los, estimulá-los, não é apenas um acto de justiça, é ainda dever imperioso, para as sãs consciências formadas na perfeita noção dos nobres princípios morais e de justiça.

Um caso de inteira justiça, como prémio que não deve regatear-se-lhe é o olhar por tudo o que para ele — funcionalismo — pode representar objecto de direito, — em face da justiça que possa assistir-lhe.

Assim, a dedicação de muitos, vai ao ponto, de, durante a sua vida oficial, não se aproveitarem das licenças a que teem direito, e por vezes de lhes serem coartadas pela falta que fazem.

Em casos de iguais direitos, há, porém, quem gose largamente, não perdendo qualquer ensejo.

Ora a verdade e que neste caso aparece assim, a flagrante desigualdade; é mesmo manifesta.

Não é justo e natural que o período, — os meses que não se aproveita desse direito — lhe sejam levados em conta para efeitos de reforma?

// São 36 anos de serviço !!

Quantos sacrifícios feitos, e por vezes, por diamantinos caracteres, concorrendo largamente para a Causa Pública !!

É necessário que tôda a gente se detenha perante uma Classe que é Lustre do Estado e que tanto o sublima e dignifica.

Remington Portuguesa, L.^{da}

109, R. NOVA DO ALMADA

LISBOA

SINTRA — COLARES

UMA REGIÃO DE ENCANTO

Por LUÍS F. TRIGUEIROS

AGORA, que o verão atinge o seu apogeu e que as chamadas regiões de turismo vivem a sua hora de mais explendor, não resistimos a falar nestas colunas, embora mais depressa do que desejariamos, dessas paragens maravilhosas que inspiraram Lord Byron e que têm já renome internacional. De facto, toda a região sintrense é procurada com entusiasmo pelos estrangeiros que, procuram em regiões frescas e salubres dessedentar o corpo e o espírito das grandes temperaturas citadinas. Não cremos que outra estância haja na Europa, como Sintra, em que ao magnífico clima, excepcionalmente fresco, se alia um admirável conjunto de belezas naturais, paisagens de montanha, mar ou planícies imensas num deslumbrante desopilar de quadros de beleza que nunca mais se esquecem. Recheada como está de preciosidades históricas, cheia de tradições doutros tempos não muito longíquos em que na estância preferida da Corte e dos aristocratas, Sintra é um caso único de pitorresco nas nossas terras de verão. Nenhuma como ela tem, realmente, em missão fecunda entre a magnificência das suas quintas e propriedades senhoriais, beleza dos seus panoramas e pontos de vista — e — o que mais é — perfeita e equilibrada noção dos seus *direitos históricos*, êsses direitos históricos que fazem de Sintra uma vila característica no seu género, inteiramente diferente de todas as vilas de Portugal.

* * *

Glorioso Eden, chamou Byron a Sintra — e todos sabem que não era pródigo em elogios a cousa nenhuma o imortal poeta britânico... *Glorioso Eden* podemos repetir se nos lembrarmos das suas únicas, excepcionais, condições da natureza; a 25 quilómetros de Lisboa, facilmente servida por comboios sucessivos e por uma magnífica estrada alcatroada, a vinte minutos em automóvel do Estoril ou Cascais, a dez minutos de Colares ou Praia das Maçãs, podendo ainda prolongar os passeios dos seus veraneantes à Ericeira ou Mafra, Sintra pode orgulhar-se de ser, pela sua

vegetação exuberante e pondo de parte diferenças bem naturais do clima, a *Madeira* do continente...

Nenhuma terra portuguêsa possue como Sintra, vegetação tão umbrosa e abundante — nenhuma terra portuguêsa tem, como Sintra, seus recantos explêndidos de poesia e de lirismo. Compreende-se assim que ela inspirasse Lord Byron e tantos poetas franceses e ingleses, que procuram ali, na calma tranquila das suas avenidas e das suas alamedas o repouso do espírito que tão necessário é no nosso tempo.

Um pouco de história...

A serra da Lua, dos romanos, fortificada pelos mouros — de cujo castelo avultam ainda hoje as ruínas imponentes — é a Serra de Sintra dos nossos dias. Contam velhos livros que ali buscou abrigo o poeta Bernardim Ribeiro que foi pedir ás ruínas do inexpugnável castelo o esquecimento para os seus amores infelizes com a Infanta D. Beatriz. Do lado oposto ao castelo mourisco ostenta-se, glorioso e imponente, o *Palácio da Pena* mandado construir por D. Fernando II no local onde se ostentou um pequeno convento. Foi D. Fernando II — rei que tanto estimulou as artes nacionais — quem mandou construir como dissémos este palácio e o recheou de verdadeiras obras de arte, preciosidades que ainda hoje os profanos podem admirar.

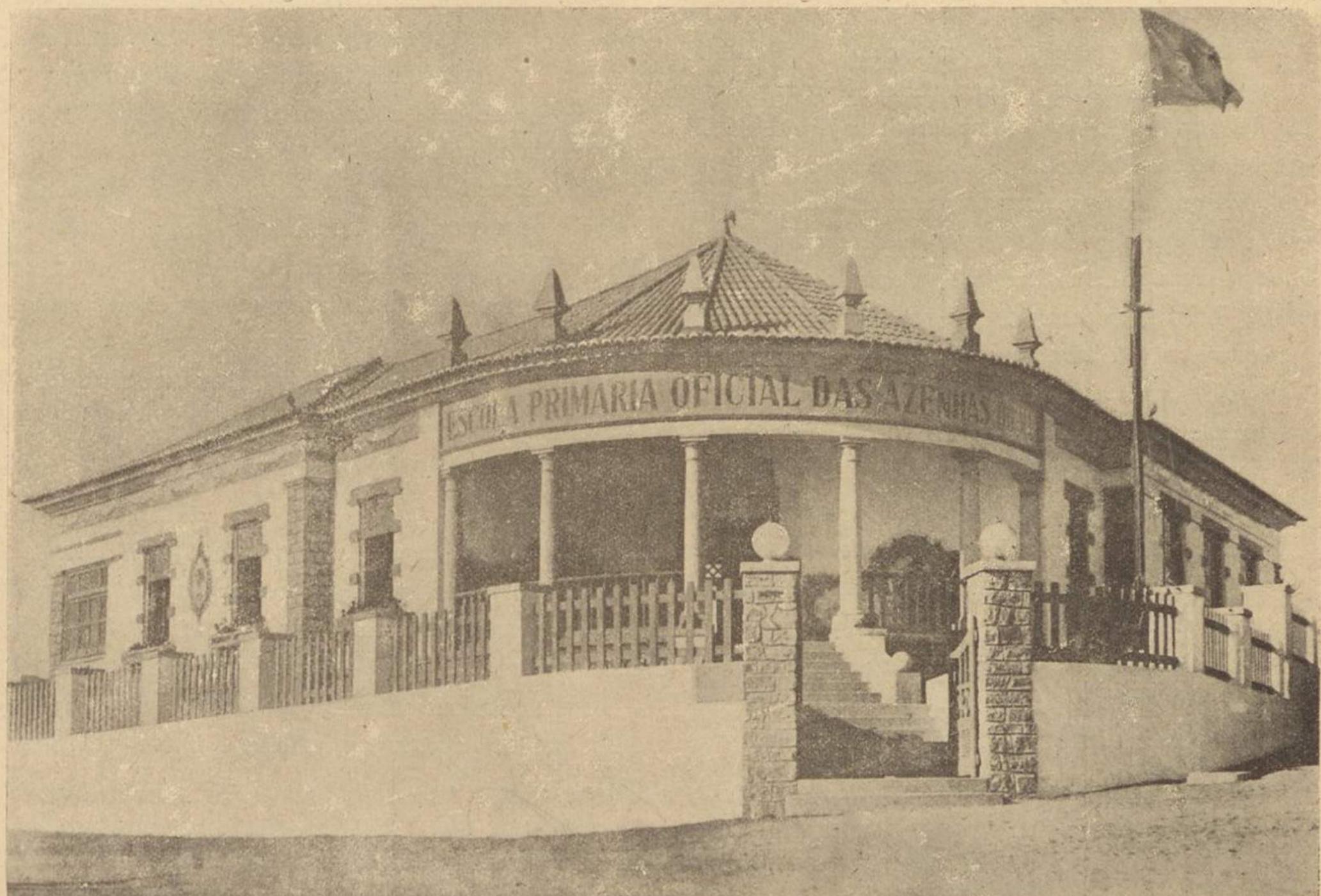
Noutro género mas também muito digno de visita é o Palácio Real da vila de que os livros de Turismo dizem: "monumento inconfundível pela harmónica justaposição dos estilos e decorações; mourisco, gótico, renascença e manuelino. O seu mourisco é autêntico porque aquela residência real é anterior à reconquista de Lisboa e seu termo por Afonso Henriques. D. Afonso III começou a frequentá-lo, só D. João I o apreciou devidamente e o embelezou com novos atractivos reconstruindo-o em grande parte e povoando-o de animações novas..."

Por tudo quanto fica escrito se avalia o alto valor do Paço de Sintra, bem digno desta vila de tão ricas e grandiosas tradições históricas. Palácio que bem pode ser considerado único no seu género em Portu-

gal e no Estrangeiro — fica bem adentro duma vila que é já por si um conjunto excepcional de maravilhas e de belezas.

De facto, Sintra, residência de verão de aristocratas e de poetas é uma terra portuguesa cuja personalidade própria não receia confrontos ou comparações. Nada se lhe assemelha por êsse mundo fóra — pois em nenhum outro local do mundo se encontra con-

Práia das Maçãs é, no seu género, uma praia admirável. Simplicidade e encanto, naturalidade e beleza. As rochas abruptas sobre o mar só lhe aumentam o pitoresco. No verão, numerosas famílias nacionais e estrangeiras procuram a frescura das suas tardes — e é, às 3.^{as}, 5.^{as} e sábados sobretudo — um longo desfile de automóveis e eléctricos que transportam para a Praia das Maçãs tôdas as famílias de Sintra,



AZENHAS DO MAR — Escola Primária Oficial

junto tão harmonioso de riqueza, valor histórico, beleza natural e poesia sublime.

* * *

Desça-se a longa estrada de planicie para que os nossos olhos se embriaguem ainda mais. De Sintra à Praia das Maçãs e Azenhas do Mar, ou de Sintra a Cascais pela Serra é um louco desenrolar de filme extraordinário em que aos nossos olhos surprezos se confundem o mar, a planicie, a montanha e as nuvens...

A volta pela serra, como é conhecida é um dos passeios mais belos que podem ser dados nos arredores de Lisboa. Os olhos ficam-nos presos à magia das cores e de tal modo os ligamos para sempre à melodia da paisagem que nunca mais a esquecemos.

Colares ou arredores que ali merendam e passam o dia em agradável confraternização.

Colares, viçoso quadro de Malhoa, é um rincão florescente em que se alia à riqueza da região vinícola a beleza duma paisagem surpreendente. Cercada de pequenas propriedades rústicas, viçosos laranjais e pomares aberrimos, Colares é também hoje procurado por centenas de pessoas de Lisboa e de todo o país que pedem às suas sombras reconfortantes aquilo que outros lugares não encontram. Nas faldas da Serra de Sintra, já o clima de Colares é bem diferente do desta vila e ali há sempre calor e frescura numa visão agradável — e rara.

Os vinhos de Colares são bem conhecidos — e deram, como se sabe, renome internacional a esta região. Os vinhos de Colares... Cabem aqui algumas pala-

vras sobre a Adega Regional, organização modelar que honra e nobilita quem a dirige.

* * *

Há um ano ainda, por uma tarde de verão ardente, o sr. General Carmona, venerando Presidente da República, visitou as magníficas instalações da Adega Regional e teve mais uma vez, ocasião de pôr em destaque o alto merecimento dessa Instituição, dirigida pelo bom senso e pelos conhecimentos indiscutíveis dos srs. Dr. Alvaro de Vasconcelos, Alberto Tota e Dr. Guilherme Guerra, comissário do Governo. De facto, a Adega Regional de Colares é uma instituição admirável que deveria ser mais conhecida de todos em geral e não apenas de quantos se interessam pelos problemas vinícolas. Como muito bem disse o sr. Dr. Guilherme Guerra, no discurso ali proferido há um ano, na idea da A. R. vive na região há longos anos mas só em 1931 após a publicação das Bases do Fomento viti-vinícola pôde ter forma o que o que andou impreciso no espírito de tantos, o que eu nessa ansiedade de viticultura de Colares, que via dia-a-dia, momento a momento, definhar as vinhas por falta de cuidados, que a concorrência de produtos inferiores mas de menor custo provocava.

A crise em Colares não é recente, era antiga e era resultante do embate de um produto nobre e de qualidade contra um produto inferior mas mais barato.

Estas palavras que aqui quizemos arquivar de-

monstram maravilhosamente quais as finalidades e objectivos da Adega Regional e põe-nos perante os olhos com extrema clareza o problema vinícola e suas características mais instantes. Ainda nesse dia memorável de há um ano foi inaugurada na Adega Regional uma *Cantina* — melhoramento cuja utilidade é desnecessário encarecer. Percorrer a Adega Regional de Colares é incessante motivo de interesse e de curiosidade, os seus armazens, instalações de enrolhamentos, lagares, escritórios, alambiques, etc., tudo está perfeitamente montado funcionando todos os serviços, sob a direcção de pessoal competentíssimo com inexcedível perícia e grande regularidade.

Não temos espaço aqui, nas breves linhas dum artigo, para nos referirmos mais demoradamente à Adega Regional de Colares. Quizemos, no entanto, nesta evocação da formosíssima Sintra e seus arredores deixar guardadas algumas palavras de aplauso à acção meritória da Adega Regional e da sua Direcção que merece ser encorajada e aplaudida.

* * *

Sintra... Colares... Praia das Maçãs. Regiões fadadas por Deus para deleite e encanto dos homens, regiões privilegiadas da natureza viva... Não conhecemos por esse país fora nada que se lhe assemelhe — nem nenhuma outra região, como esta, em que tudo parece, cantar e glorificar a vitória explendida da Côte!

ANTÓNIO GUEDES

Na ausência do nosso director, que desde 20 do mês findo se ausentou para Espanha em serviço profissional, fica assumindo o cargo de secretário geral da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, o nosso preso redactor sr. António Guedes, funcionário superior da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e um escritor técnico de grandes recursos.



AS CONTAS DE ANGOLA EM 1934-35

APRESENTAM UM SALDO DE 8:221.647,71 ANGOLARES

Foram publicadas as contas da gerência e exercício da colónia de Angola, no ano de 1934-35, apresentando os números seguintes:

	RECEITA
Ordinária	140:051.156,94
Extraordinária	36:207.892,65
Total	<u>176:259.052,59</u>
	DESPESA ¹
Ordinária	136:193.617,15
Extraordinária	31:843.787,73
Total	<u>168:037.404,88</u>

O saldo foi, portanto, de 8:221.647,71 angolares.

EXPRESSO A MONTEMOR-O-NOVO

No Grémio Alentejano tem reunido a comissão de montemorenses que tomou a seu cargo a propaganda do Expresso que a C. P. organiza a Montemor-o-Novo, em 6 de Setembro. Este passeio está despertando grande interesse tanto mais que em Montemor se prepara uma brilhante recepção aos excursionistas, se efectua a importante feira anual e na corrida de touros desse dia toma parte o exímio cavaleiro Simão da Veiga Junior.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Por PLÍNIO BANHOS

CONTINUAM em Madrid em acção os actos de banditismo depois da série infinita de atrocidades praticadas desde o início da guerra civil. Os fuzilamentos continuam justificando-se o dos 14 guardas nacionalistas de Tolosa que foram levados a S. Sebastian e ali fuzilados. Pouco antes tinham sido fuzilados 56 oficiais do activo e alguns dos quais da reserva, por suspeita das suas convicções nacionalistas. O Guarda-rédeas Ricardo Zamora também não escapou aos fuzilamentos.

Barbaro as torturas feitas aos prisioneiros.

Em Constantina, D. Francisco Carredano esteve preso e sofreu de um ataque de apendicite. Tirado da prisão foi levado para Vila Nova das Minas onde recebeu como tratamento um tiro na cabeça. A outros presos praticaram os comunistas atrozes sofrimentos. D. Pedro Valdecantos foi arrancado de sua casa por guardas vermelhos. Ao ser conduzido para fóra da povoação por vezes deixavam adeantar-se sózinho dando-lhe a impressão do que o iam fuzilar.

Tiravam-no do cárcere aos empurrões com os canos das espingardas encostados ás costas.

Uma noite levaram-no a um lugar chamado La Lobera, onde haviam três covas abertas, como se fossem enterrar ali alguém. E perguntaram-lhe em tom ameaçador:

— Onde tens as duzentas espingardas, e as duas metralhadoras, que compraste para a Acção Popular?

Valdecantos negava. Nunca tivera nem comprara armas de qualquer espécie.

Tôdas as vezes que lhes faltava o dinheiro, levavam o preso a sua casa ou à Caixa do Banco. Em casa as cenas com a família eram dilacerantes, a ponto de um comunista, de coração menos duro, dizer para os companheiros:

— Vamos, deixa-lo beijar os filhos.

Foi preso também o sacristão da freguesia. O arcipreste para evitar que o matassem, disse:

— Ésse deixai-o. Era um simples encarregado. Não fazia mais que cumprir as ordens que recebia.

O sacristão salvou-se graças a esta intervenção, mas o sacerdote foi espingardeado à porta da igreja, assim como a senhora Ibañez Sobrino.

Em Baena, cidade pequena da Andaluzia, que fica

entre Córdova e Jaen, entre a ordem e o crime, foi durante muitos dias frente de guerra. Aqui se escreveram páginas sangrentas, que afirmam ferocidade sem limites.

A 19 de Julho houve notícia da Revolução Nacional. O tenente da Guarda Civil convocou os homens de ordem da povoação, para que o ajudassem e aos vinte guardas de que dispunha, na manutenção da tranquilidade pública e na defesa da população, pois logo soube que os marxistas de outros lugares tinham partido para aqui com um objectivo fácil de calcular, opoderarem-se da cidade. Organizou-se uma coluna, que saiu ao encontro dos comunistas e estes foram dispersados. Nessa mesma noite, porém, os marxistas prepararam uma emboscada, e mataram um guarda civil.

A partir de então começou o cerco à cidade. O heróico tenente da Guarda Civil Sanchez Ramirez tomou com os homens de que dispunha os pontos estratégicos mais importantes, e aguentou o cerco durante onze dias. Nos primeiros dias, os comunistas limitaram-se a fazer tiros isolados, para manterem em sobressalto a população e os seus esforçados defensores.

Ao nono dia, porém os de Moscovo receberam de Linares uma grande quantidade de armas, munições e bombas de mão, e realizaram ataques, sempre mais violentos e desesperados. Os heroicos defensores da povoação iam caindo pouco a pouco, mortos os feridos, mas não cediam posições. Mas o cerco foi apertando. Por fim, o que restava do grupo foi morto à navalhada.

Em Málaga foi morto o conde de S. Izidro e sua família. Foram mortas muitas freiras com requintes de ferocidade e que inúmeros sacerdotes foram ali fuzilados, depois de terem sido passeados pelas ruas, de forma afrontosa. Em Málaga tôdas as igrejas foram incendiadas e todos os conventos destruídos.

Centenas de mulheres, muitas delas pertencentes á aristocracia, foram violentamente arrancadas a suas casas, levadas à presença dos "Comités" vermelhos e submetidas a inacreditáveis brutalidades, entregues a jovens meios loucos.

Para fechar pode fazer-se a afirmação que em Almendralejo foram queimadas vivas depois de crucificadas 39 pessoas.

Quereis dinheiro?

JOGAI NO

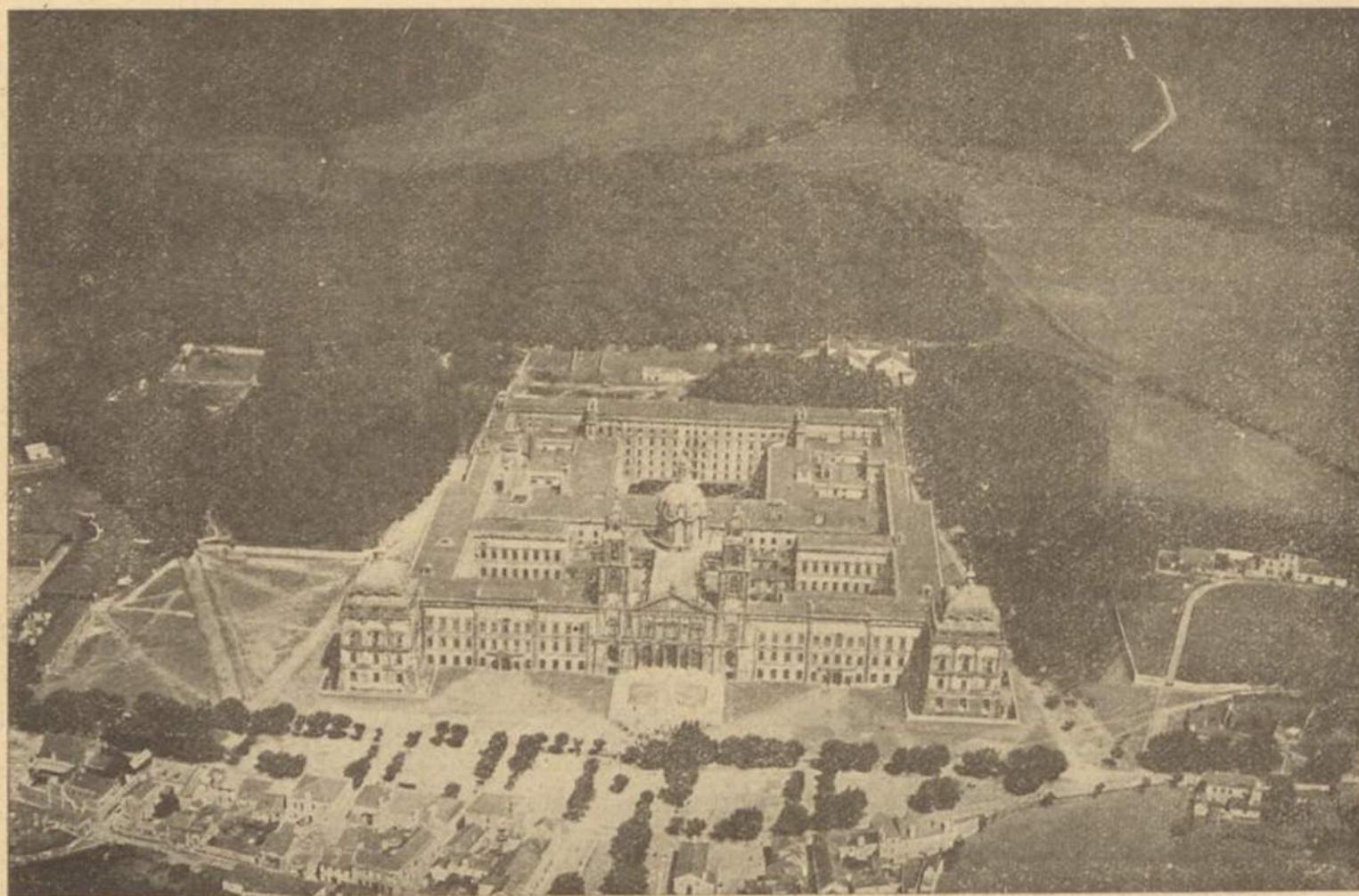
Gama

Rua do Amparo, 51

LISBOA

Sempre Sortes Grandes!

DIVERSOS

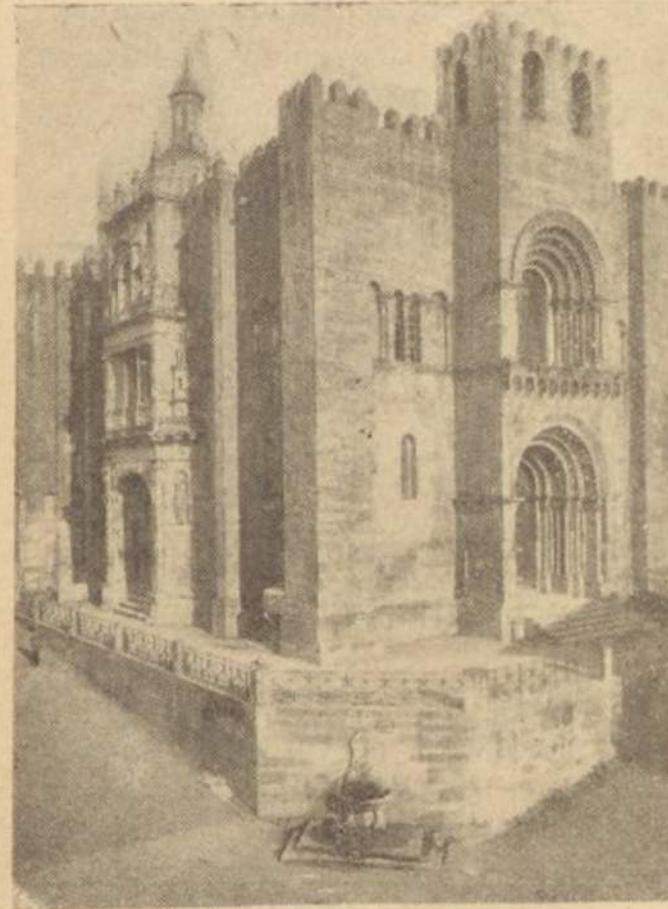


MAFRA

O Mosteiro

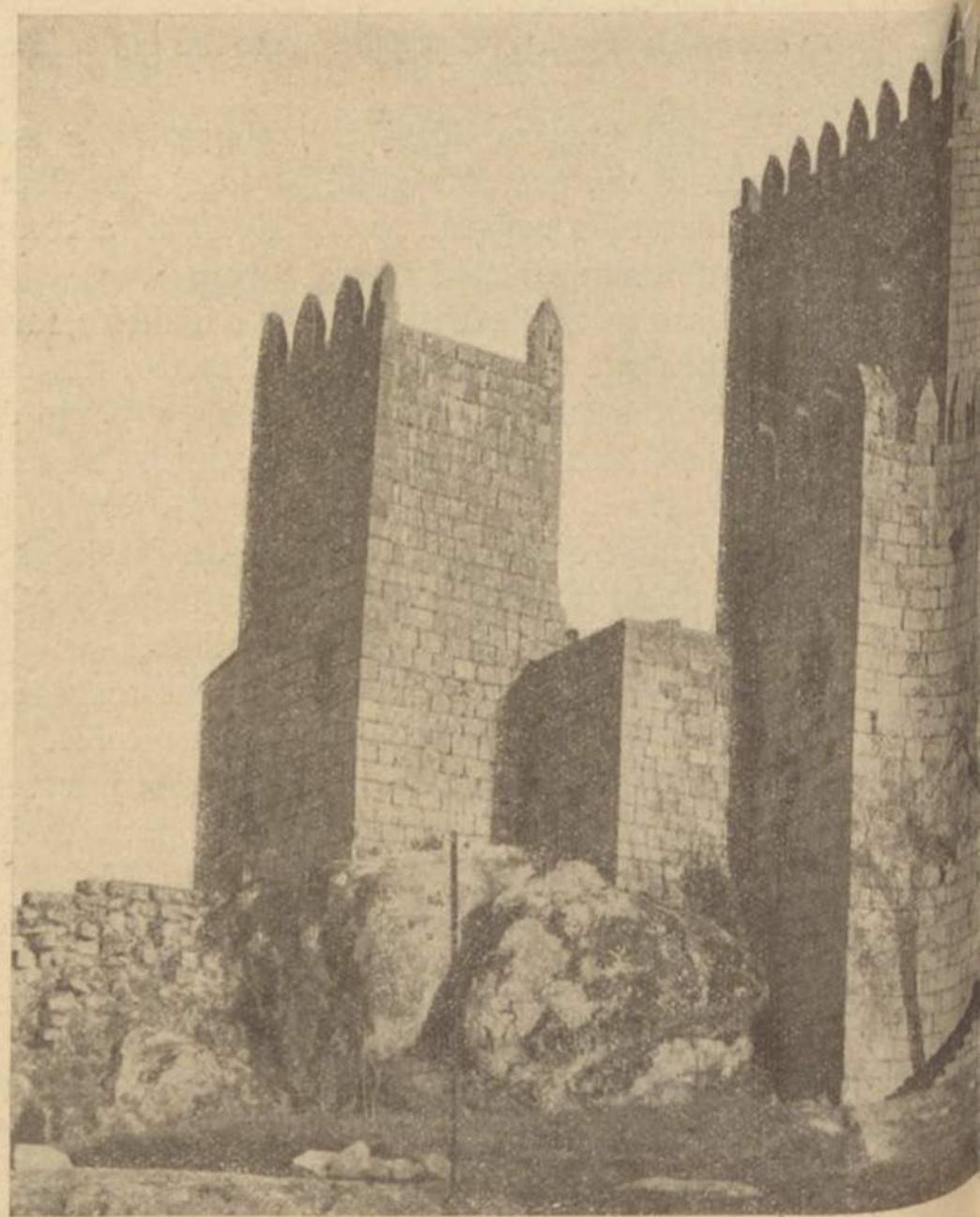
COIMBRA — Cont.

PORTUGAL



COIMBRA

Sé Velha



GUIMARÃIS

ASPECTOS

E



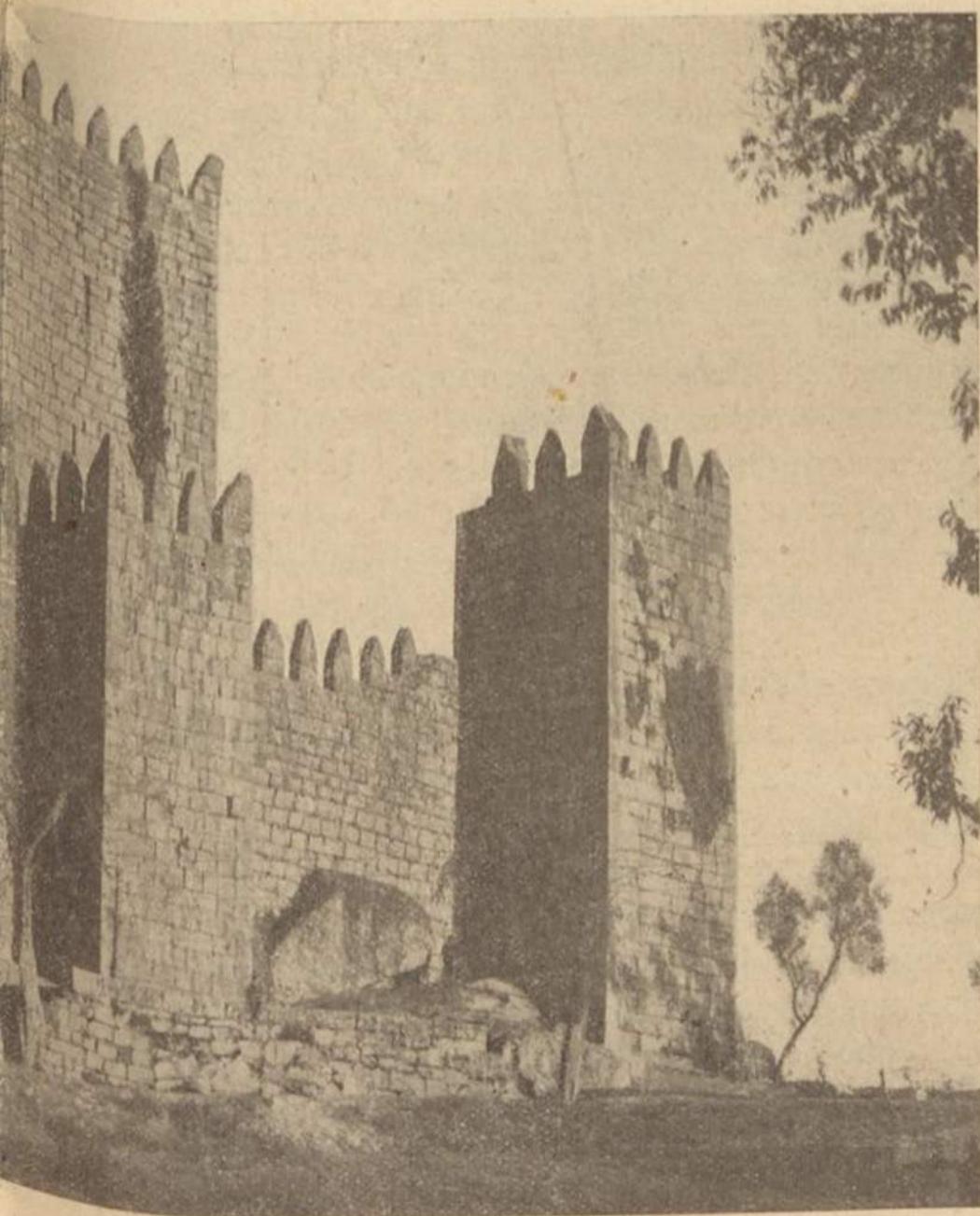
Centro de Santa Cruz



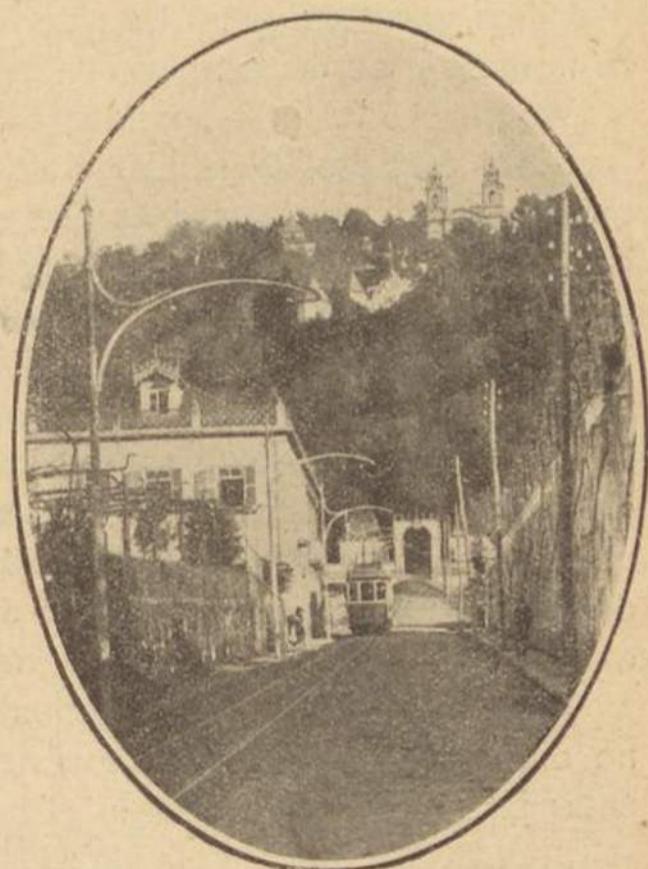
MANGUALDE

Largo do Rossio

TURÍSTICO



O Castelo



BRAGA

O Sameiro

CRÓNICAS DE ESPANHA

Por CARLOS D'ORNELLAS

NUM compartimento de primeira classe viajam cinco pessoas respeitáveis, que discutem com calor os acontecimentos de Espanha. Há hesitações ante as notícias dos «periódicos». Alguns passageiros nada acreditam. Afirmando-se até que tudo quanto os diários publicavam eram notícias forjadas em Badajoz por jornalistas que não passaram da fronteira. A facilidade que toda a gente tem em supor que os homens da imprensa não se sacrificam para bem se desempenharem da sua missão!...

Mas é impossível deixar passar uma oportunidade de poder dizer que os jornais não são cestos de papeis.

Um companheiro de combóio, o sr. A. G., declara ter vindo de Madrid. Não oculta o nome e assim é entrevistado para o jornal «A Voz». À queima roupa diz-nos logo:

— Estes senhores acham exageradas as notícias publicadas nos jornais porque — felizmente — não passaram os trabalhos que eu passei. Vivi em Madrid os piores dias da minha vida. Para poder circular nas ruas tive que tirar o colarinho e a gravata porque caso contrário corria o risco que correram muitos. As senhoras têm de andar em cabelo porque, aparecendo de chapéu, são enxoalhadas e despidas, depois de esbofeteadas pelas mulheres, que, de alpergatas e descalças vagueiam pelas ruas de Madrid. Quasi todos os homens usam os conhecidos fatos de macaco.

Aquilo só visto — continua o entrevistado — porque dito é inacreditável. Calcule que nos poucos momentos que me demorei na Castelhana vi ali passar camiões e camiões de mortos e feridos a caminho dos hospitais improvisados. Os assassinios não têm conta. Não é exagero o que digo, creia. A igreja de Covadonga foi incendiada, como foram todas as de Madrid, e o pobre do parocho foi assassinado à saída por um grupo de bandidos vermelhos, que lhe tiraram os sapatos e rebuscaram as algibeiras. Dois dias depois dessa tragédia ainda lá estava o corpo do pobre padre, já num estado lastimável de decomposição.

— Mas olhe que os assassinios não tiveram início no dia em que rebentou o movimento. Bastantes dias antes já se assaltavam casas particulares em Madrid e se prendia nacionalistas a título suspeito de conspiração contra o governo.

Em 19 do corrente cheguei a Madrid, onde me conservei até sábado, dia em que parti para Valência, onde embarquei no cruzador inglês «Repulse», cujo capitão de nome Goodfrey, foi uma pessoa gentilíssima para com os repatriados. Daqui passei para o

barco japonês «Hakone-Maru», que me trouxe até Lisboa, onde cheguei hoje, pagando pelo transporte Valência-Lisboa trezentos francos apròximadamente.

— Mas diga-me V. Ex.^a se são exageradas as notícias dos jornais acerca das barbaridades, que perpetraram os homens de Madrid?

— Não, senhor. E o caso é bem de explicar. O Governo nada manda. Existem várias correntes predominantes e, como é de prever tudo quere mandar e tudo manda menos o Governo, que já não tem mão nos revoltosos. A Radio-Madrid recebe ordens para transmitir, em nome do Governo Giral, mas ninguém a elas obedece. O locutor tem ordens severas para fazer o maior barulho possível, a fim de evitar que os outros postos se oiçam, o que não consegue porque o principal que em Madrid se houve claramente é o G. L., que transmite as notícias de Sevilha, que animam os que anceiam a todo o momento pela entrada das tropas nacionalistas na capital de Espanha.

Tal é a sinceridade com que o sr. A. G. fala que os companheiros de viagem já vão acreditando nas barbaridades, que se têm cometido em Espanha.

Conta-nos ainda o entrevistado, pessoa séria, aparentada com uma das melhores famílias do Alentejo, que não ha memória de ter assistido a tantos actos de selvajaria. Na véspera de partir para Valência assistira ao modesto funeral de uma senhora, que se havia suicidado. E explica-se o caso:

— Na «calle» Torrijos, existia uma família, que suponho inglesa, composta de mãe e duas filhas que dirigiam determinada crèche. Certa manhã, um grupo de populares foi buscar as duas filhas, que nunca mais apareceram. A pobre mãe, paralítica, foi atirada para cima dum a cama. Passado instantes, a muito custo, conseguiu deitar a mão de um revolver e pôs termo á existência. A indignação na vizinhança foi enorme, e o funeral realizou-se alguns dias depois, sem qualquer formalidade.

— Presenciei actos curiosos como os que lhes vou contar, para lhes demonstrar que ninguém se entende e que todos querem mandar. Em determinado estabelecimento um grupo de componentes da U. G. T. fez compras no valôr de seis pesetas. Como não quisessem pagar a despesa, o proprietário chamou um grupo da C. N. T. que por sua vez queria obrigar os outros a paga-la. Acto continuo estabeleceu-se tamanha confusão, que não chegou a saber-se quem ganhou a partida.

— Pelas ruas anda o chamado Socorro Vermelho que nos obriga a entregar algum dinheiro ou, não o havendo, qualquer objecto rendoso. A mim não me maçaram muito porque — continua o entrevistado — eu andava sem gravata e sem colarinho, e assim escapei de ser fusilado. No dia 20, quando eu descia a «calle» Torrijos, um grupo de vermelhos intimou-me a «mãos ao ar», o que fiz prontamente, já se vê.

— Sou estrangeiro — respondi.

Os documentos?

Mal fiz o gesto de tirar a carteira, veio por detrás de mim um «camarada» que, apontando-me a pistola, de novo me intimava a pôr as mãos no ar. Outro tira-me

a carteira, olha para mim e, depois de se certificar que a foto era parecida, disse em voz alta; "Pode seguir". Aparece logo outro "camarada" e diz:

— Este está por minha conta.

E, depois de longo parlamentar, o nosso bom amigo foi mandado em paz esperando sempre um tiro como é uso agora.

* * *

São tantos os casos curiosos observados em Madrid pelo nosso entrevistado, que não resistimos à tentação de publicar mais alguns porque todos seria impossível.

No Sanatório Dr. Tapia, onde trabalhava o grande mestre Tapia e seu filho, especialistas em doenças de garganta, vi chegar alguns caminhões com mortos e feridos. Um dêles trazia um comunista a esvair-se em sangue e quase desfalecido, mas segurando um punhal. Outros vinham desfeitos, em pedaços. Um dêles até nem queixos trazia!

No momento em que tudo isto se passava, apareceu um grupo de comunistas, que foi prender o Dr. Tapia (filho), quando este concluía uma operação cirúrgica ao tio do Dr. Mota Faria, um açoreano que ali se encontrava internado.

* * *

Em Madrid ninguém se entende. Luta-se com as maiores dificuldades. Não há peixe, nem leite, faltam as hortaliças, os géneros escasseiam assustadoramente.

É uma cidade que às 9 da noite se fecha num pavor e mais parece uma aldeia deserta e sem luz do que Madrid cheia de beleza e de vida, que tantas e tão boas recordações nos tinha deixado.

Pude dormir até às 11, horas porque logo começam as buscas domiciliárias, os tiros, os assaltos, enquanto pelas ruas grupos de mulheres armadas de espingardas e sabres formam com os homens para exercícios militares, que após três dias os considera aptos a marchar para a "frente".

Os palácios estão na sua totalidade ocupados pelos comunistas. O mesmo acontece ao conhecido «Aquário», ao «Molinero» e ao «Chicote» na Grand Via. No «Aquário» da Calle de Alcalá, mandam os partidários da C. G. T. e no A B C, antigo e importante diário de Madrid, dão ordens os componentes da U. G. T., que fazem publicar uma fôlha dêste orgão com quatro páginas por não haver papel para mais. Sob o cabeçalho do A B C lê-se em letras gordas "Viva a República".

Os automóveis que foram todos mobilizados, incluindo o meu, estão cheios de tabuletas com cônus diversas. Os estrangeiros que têm os seus afazeres na cidade usam um braçal com as cônus da sua nacionalidade, mas aos portugueses não é consentido o braçal com as cônus portuguesas. Os italianos e alemães são mal olhados pelos comunistas que passeiam, fumando e de espingarda ao ombro ou pistola à cinta.

* * *

Madrid já não tem unidades militares. À maneira que estas se foram revoltando os marxistas fuzilavam os oficiais, sargentos e por fim os soldados. No Quartel de La Montaña assim aconteceu e mataram centenas de fascistas e oficiais do exército.

— Como conseguiu viver tantos dias em Madrid?

— Vivi por milagre. Empreguei todos os esforços para de lá sair, e, quem me salvou foi o Vaz Teixeira, que foi incansável, e a quem devem o ter sido salva a Embaixada Portuguesa, pois um grupo de portugueses revoltados, chefiados por antigos oficiais do nosso exército, queria lançar-lhe fogo, do que Vaz Teixeira com a sua habitual calma conseguiu demovê-los.

Depois de empregar grandes esforços lá arranjei uma espécie de salvo-conduto que, se servia para os grupos da C. G. T. não servia para os grupos da U. G. T. nem tão pouco para outras forças.

Voltei de novo e então, depois de possuir uns papéis assinados por pessoas que nem escrever o seu nome sabiam, passei a muito custo e consegui escapar.

No trajecto de Madrid-Valência apareceu-me no combóio um homem de espingarda em bandoleira, fazendo o serviço de polícia. Desabotoou o casaco e mostrou-me uma faixa encarnada, que trazia a tiracolo, exigindo-me os papéis, que imediatamente apresentei. Passado tempos noto que em determinada localidade a "autoridade" aparecia com uma facha tricolor. Logo notei que aquilo servia para as localidades onde manobravam os vermelhos e as tropas do Governo.

Uma espécie de comédia, com certa graça por ser um dominó para ambos os lados.

* * *

— Ha um facto que convém esclarecer — diz-nos o sr. G. — é a morte do coronel Puig, que se encontrava ao lado das tropas do Governo de Madrid. Este oficial ao tentar desalojar uma peça, foi assassinado por um comunista, que julgando-o traidor lhe desfechou um tiro na nuca. Puig teve morte imediata.

Também é curioso que conte no jornal "A Voz", com o qual eu muito simpatizo, que em Getafe se deu um desastre que presenciei, mas não posso declinar a identidade dos protagonistas. Quando ali se procedia ao carregamento de bombas para um avião, o portador de uma delas deixou-a cair e foi quanto bastou para tudo ir pelos ares: avião e aviador. Gente sem prática, tudo quere fazer e por isto se nota que a aviação de Madrid luta com grande falta de pessoal competente.

Após esta tragédia impressionante um camarada do aviador tirou-lhe a carteira para entregar á esposa, em Madrid. Sei os nomes dos aviadores, tanto do que morreu, como do seu camarada, a que me referi, mas não quero decliná-los.

* * *

Com bastante pena, tivemos de suspender a entrevista. O entrevistado mostra-se contente por haver fugido de Madrid, mas abatidíssimo moral e fisicamente.

Vamos finalizar. Durante o tempo que esteve em Madrid notou alguns russos ou franceses ao serviço do Governo?

— Não, senhor.

E assim terminou a primeira crónica dos horrores que se passam no país vizinho.

(Do jornal *A Voz*)

CONSTRUÇÃO DA PONTE “ADMIRAL GRAF SPEE” SOBRE O RHENO

NO dia 22 de Maio inaugurou-se a nova ponte estrada sobre o Rheno, que liga Duisburg á margem esquerda do Rheno. Logo que se iniciaram as obras pela “Sociedade das pontes do Rheno de Duisburg-Rheinhausen”, especialmente fundada para a construção desta ponte, decorreram apenas dois anos e meio. Neste curto espaço de tempo, devia-se fundar e elevar os pilares, remover enormes quantidades de terras em ambas as margens de Rheno para conseguir a correspondência à rede de estradas já existente, e sobretudo era necessário executar a grandiosa estrutura metálica que hoje se estende sobre o rio.

Depois de um estudo minucioso, feito pelo Serviço das Obras Públicas da cidade de Duisburg em colaboração com a Administração de Construções Fluviais, determinou-se o lugar mais favorável para o estabelecimento da nova ponte e depois de acabados todos os trabalhos preliminares recebeu á “Sociedade Demag”, no princípio de 1934, a encomenda definitiva para a construção da ponte.

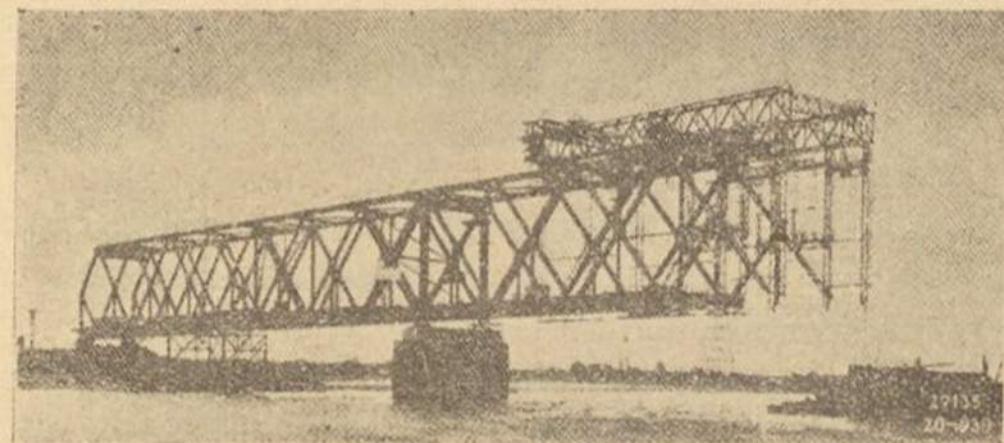
A ponte devia ter uma faixa de rolagem de 12 metros de largo e de ambos os lados da ponte preve-se pistas para velocipedistas com uma largura de 1,50 cada, havendo também passeios para peões, tendo cada um 2,75 de largura.

Além disto foi decidido prever a possibilidade de instalar mais tarde, na faixa de rolagem, uma linha dupla para viação eléctrica.

A construção dos pilares devia ser feita de acordo com as prescrições da Administração das construções Fluviais que fixara do lado direito um vão de 250 metros para a navegação. Disto resultou para o lado esquerdo um vão de 154 metros, ao qual devia ser ligada a ponte de fluxo, tendo 7 vãos com um comprimento total de 305 metros.

Em princípios de Janeiro de 1934, deu a Sociedade das pontes do Rheno, o primeiro passo para executar os trabalhos, de terraplenagem necessários e a «Demag» começou logo a estabelecer os desenhos, a preparar e arranjar os materiais de construção, bem como a construir o guindaste de montagem e os andaimes auxiliares. Todos êstes preparativos exigiam alguns meses, antes de se poder começar a executar as estruturas metálicas propriamente ditas.

Na margem esquerda do Rheno, a uma distância de 50 metros do fosso de construção do pilar da margem esquerda, estabeleceram-se os alicerces para levantar um andaime auxiliar, sobre o qual foi coloca-



PONTE “ADMIRAL GRAF SPEE”
Observe-se a montagem em balanço

do, no dia 29 de Outubro, a primeira viga da nova ponte. Com a ajuda de mastros de montagem juntaram-se as vigas. No entanto, por meio de pranchas metálicas apoiadas no leito do rio, tinham-se construído dois pilares circulares de auxílio, sobre os quais se assentaram as primeiras vigas em direcção ao rio e no princípio de Janeiro de 1935, estas obras acharam-se num ponto tal que se podiam já cravar os primeiros rebites. Em meado de Março de 1935, começou-se a montar o guindaste transladável de montagem sobre a corda superior da nova ponte.

Este guindaste constava de um carro corrediço podendo ultrapassar de 23 metros as extremidades da ponte em construção. Sobre este carro andava uma ponte rolante eléctrica com um vão de 18,50 metros e uma força de 35 toneladas.

Partindo dos pilares auxiliares e servindo-se dos mastros de montagem, continuou-se a montagem em direcção ao pilar da margem esquerda do Rheno. Nestes trabalhos, as grandes vigas formando as cordas inferiores foram esteiadas em vários pontos do lado da terra.

Em meado de Abril, alcançou-se o pilar da margem esquerda do Rheno. No entretanto, a montagem progredia também em direcção ao pilar situado no leito do rio e distante de 154 metros de maneira que no começo de Junho foi possível lançar a ponte também sobre este pilar. No dia 22 de Junho montou-se o pórtico sobre o referido pilar e em seguida começou a montagem em balanço, sem qualquer escora, da estrutura metálica entre o pilar no leito do rio e o da margem direita, tendo um comprimento de 256 metros. A extremidade esquerda da ponte já tinha sido fixada fortemente sobre o pilar da margem esquerda e além disto tinha-se carregado esta parte, provisoriamente, de elementos de construção, para evitar que a ponte caísse abaixo ao continuar-se a montagem. Num ponto situado a 102,3 metros do pilar do leito do rio elevou-se entretanto outro pilar auxiliar que ficou atingido pela construção em 21 de Agosto e sobre o qual a ponte foi assente provisoriamente. Restavam agora a vencer ainda uns 154 metros até á margem direita. Sendo esta distância, porém, demasiadamente grande para a montagem em balanço, levantou-se um segundo pilar auxiliar constituído de fortes estacas de madeira cravadas no leito do rio.

No dia 6 de Novembro, ou seja quasi exactamente

ECOS & COMENTÁRIOS

P o r S A B E L

AGÊNCIAS

E' enacreditavel o que se está passando com as Agências de informações e jornais que perderam a vergonha forjando tôda a espécie de noticiário que só serve para irritar o público, com prejuízo para as outras Empresas editoras.

Recentemente, com a guerra Italo-Etiope essas Agências, que mais parecem armazens de palões, inventaram cenas pasmosas passadas aqui e acolá, desmentidas quarenta e oito horas depois, pelas mesmas ou por outras que também passam a maior parte do tempo na conquista da mentira.

O que acontece agora com a guerra civil em Espanha é de pôr os cabelos em pé. Elas matam Primo de Rivera, afundam três e quatro vezes o D. Jayme, incendiaram aviões, esquartejaram Primo de Rivera, fuzilam o capitão Sanjurjo, filho do malogrado General com o mesmo nome, colocam o Cardeal Segura como regente de Espanha, para depois fazer o plebiscito e verificar se deve haver Republica ou Monarquia, enfim tôda a série de disparates que só conquista ódios e irritam quem lê, que em geral atribui tôdas essas vergonhas aos jornais que se compram por três tostões.

Não é possível senhores que fiquem impunes os miseráveis paloeiros que à sombra e a soldo de Empresas sem crédito andam a inventar tôda a casta de disparates com o único fim do descredito internacional.

Tem forçosamente de se chamar à ordem o representante ou representantes desses baluartes de intrugice e fazer-lhes pagar com os ossos na cadeia o crime que estão praticando, lançando achas na fogueira internacional que tão ameaçada se encontra.

Nesta atmosfera carregada que envolve a nação vizinha, algumas Agências de informações têm um alcance que necessário se torna descobrir.

A essas agências compete o seu serviço vulgar de informações verídicas e nunca mentiras nem tão pouco o exercício de espionagem.

Um ano depois da montagem da primeira viga, a ponte alcançou pela primeira vez a margem direita e no dia 15 de Novembro montou-se aqui o pórtico final, assentando então definitivamente a ponte sobre o pilar da margem.

A estructura metálica sobre o rio, com um comprimento de 400 metros pesa 16400 toneladas. Esta ponte, com o seu grande vão de 256 metros, é a maior ponte de vigas até hoje construída.

A construção da ponte exigiu a cravação de 1.200.000 rebites, pouco mais ou menos.

O serviço de informação que não represente a verdade deve ser considerado um serviço de traição, e assim condenado pelos tribunais competentes para exemplo dos societários ou futuros discípulos.

Venha um decreto impondo essa pena de traidores a todos aqueles que na sombra forjam essas notícias tendenciosas, cujo efeito é atirar os homens uns aos outros sem interesse, para os lançar à fornalha e benefício para esse serviço de espionagem que nunca pode ser o de uma Empresa de publicidade internacional.

Nunca a atmosfera se mostrara tão carregada aos olhos de todos os que andam no mundo, como agora que estamos sobre uma grande ameaça internacional.

É preciso evitar a guerra e o dever de todo o homem é evitá-la e nunca colaborar com bandidos para acender de novo essa fornalha que se desencandeou em 914.

Cuidado com êsses boateiros, inventores do mal que pertende extermínar a humanidade.

Êsses homens, que não sabemos se têm consciência, devem sofrer o castigo dos seus atrevimentos.

Potins mori quam foedari.

FUMADORAS NOS CAMINHOS DE FERRO

NOS caminhos de ferro ingleses acabam de ser criados compartimentos especiais para senhoras que fumem, isto a pedido instantâneo de muitos homens a quem o fumo incomoda.

Assim se confirmam as previsões dum especialista de Chicago, em ciências bio-químicas quando afirma que dentro de alguns as mulheres fumarão mais que os homens, e estabelece o seguinte paralelo:

«No reinado da rainha Isabel, diz, o parlamento inglês votou uma lei proibindo as mulheres que se perfumassem, com o receio de que os perfumes não chegassem para os homens, se os dois sexos fizessem uso deles. Esta lei foi inútil, ou antes contraproducente, porque as mulheres passaram a perfumar-se mais que nunca, de tal maneira que os homens passaram a considerar o uso do perfume como exclusivamente feminino e foram-no abandonando progressivamente.

E acrescenta que se dará a mesma coisa com o tabaco. Felizmente, ainda lá não chegámos.

A MISÉRIA DOS INVENTORES

NOS Estados Unidos da América, em Detroit, acaba de falecer o inventor do automóvel Buicke. Tinha 74 anos, e vivia nos últimos dois anos da sua existência um modesto quarto alugado numa casa onde não havia nenhum telefone e foi morrer na enfermaria do hospital. A sua vida é um exemplo de luta contra a adversidade. Inventou os automóveis que tinham o seu nome, mas não tendo meios para montar uma fábrica cedeu o seu invento a uma firma que ganhou rios de dinheiro.

Depois fundou uma Companhia que em breve vendeu a americanos. Também estes ficaram ricos com os lucros obtidos, enquanto ele continuava pobre.

Organisou uma Companhia de Petróleos que abandonou por motivo das questões que surgiram em volta dos terrenos adquiridos. Depois comprou na Florida hectares de terreno para os transformar em pomares, mas não tinha capital suficiente. Desde então quase despareceu, da vida social, morrendo há pouco tempo.

LINHAS ESTRANGEIRAS

FRANÇA

Numa rede ferroviária francesa inaugurou-se um novo serviço, que mostra as comodidades que podem oferecer hoje aos admiradores do campo. Um comboio especial, provido de telefonia, levando um vagão restaurante e um vagão "dancing", sai por exemplo a um sábado de Paris e conduz os excursionistas até Borau, precioso lugar da ribeira do Oise. Nesta localidade os passageiros passam para um vapor, onde fazem uma dilíciosa travessia pelo rio até Pontoise; aqui têm oportunidade de dedicarem-se às delícias do "camping".

Na segunda-feira regressa o comboio a Paris.

* * *

Entre Paris e Marselha realizou a Companhia P. L. M. ensaios com um comboio aerodinâmico formado por uma locomotiva cuja estrutura se modificou, suprimindo as resistências do ar. Parece, segundo os dados recolhidos deste ensaio que o comboio aerodinâmico competirá vantajosamente com a automotora. A velocidade média alcançada pelo referido comboio foi de 110 quilómetros por hora e as economias realizadas em carvão e água representam respetivamente 28 e 23 %.

— Um articulista francês, ocupando-se dos aperfeiçoamentos dos comboios, fornece-nos algumas indicações muito interessantes. Tempo e carvão continuam a ser dinheiro, pelo que as economias resultantes dos traçados aerodinâmicos são muito de considerar.

Depois da grande guerra, um homem de laboratório, Charles Maurin, actualmente membro do Instituto e decano da Faculdade de Ciências, demonstrava que um comboio, para vencer a resistência do ar, ao ultrapassar os cem quilómetros, devia consumir a maior parte da sua energia. Acrescentava que se chegasse a modificar-se ligeiramente a forma da locomotiva e das carruagens, se poderia diminuir sensivelmente essa resistência, economizar muitos cavalos de força e, consequentemente, muito carvão. Era ainda ele que calculava de 300 a 400 cavalos o benefício obtido por um comboio rápido.

Mais de dez anos depois, a experiência veio comprovar as previsões do investigador.

Uma companhia francesa acaba de experimentar o seu novo comboio aerodinâmico, verificando que a economia resultante do arranjo preconizado por Maurain variava entre 282 e 448 cavalos, segundo a velocidade.

Os velhos comboios a vapor vão ser inteiramente querenados, desde a locomotiva às carruagens. O seu aspecto é bonito, dando em conjunto uma ideia das construções modernistas. Desaparece o clássico aspecto

das locomotivas e ao longo do comboio mal se percebem os rodados.

Nas experiências, realizadas no trajecto Paris-Les Laumes, de 256 quilómetros, verificou-se que no comboio de quatro carruagens, a 140 quilómetros, economizaram-se 450 cavalos, por ser todo querenado; o número desce para 260 cavalos, quando só a locomotiva é querenada; e vem para 90 cavalos, no caso de ser querenada simplesmente a frente.

Quere dizer: "aerodinamizar" o conjunto de um comboio, constitui operação muito interessante; querer só a locomotiva é ainda procurar um benefício apreciável; deixando essa operação limitada exclusivamente à frente, a utilidade é praticamente insignificante.

Agora alguns cálculos sob o aspecto financeiro.

Para a mesma velocidade, resulta uma economia de carvão de dois quilos e meio por quilómetro. Admitindo que a locomotiva faça 100.000 quilómetros por ano, a economia será de 250 toneladas de carvão, ou de 32.500 francos. Como diariamente circulam nos caminhos de ferro franceses centenas de locomotivas, calcule-se em quantos milhões de francos poderia ficar o número que representasse a economia total a conseguir com a "aerodinamização" dos comboios.

Como se depreende, o caso aqui estudado em relação à França é o mesmo para todos os outros povos.

ITÁLIA

Vão ser brevemente ensaiados pela direcção geral dos Caminhos de Ferro Italianos, uns comboios, chamados "comboios relâmpagos". Espera-se obter com êles uma velocidade de 160 quilómetros por hora.

Cada comboio poderá transportar 150 passageiros de classe única, com as suas respectivas bagagens, sendo dotado de "bar", telefonia sem fios e outras comodidades.

O preço da viagem será provavelmente, o de primeira classe dos comboios vulgares.

Os primeiros serviços serão estabelecidos entre Roma e outras importantes cidades.

INGLATERRA

Um grupo de 100 ingleses da "Institution of Locomotive Engineers" que visitou na Alemanha as fábricas de Borsig e Knorre-Bremse e teve ocasião de viajar nos novos comboios expressos, aerodinâmicos, da linha Berlim e Hamburgo, exprimiram-se elogiosamente sobre tudo o que viram a respeito da organização dos Caminhos de Ferro alemães. O chefe do grupo de visitantes ingleses declarou em Augsburgo, onde visitaram as fábricas da M. A. N., que levara da Alemanha a maior admiração pelos serviços e pela organização dos Caminhos de Ferro alemães.

— A Companhia L. N. E. R. inaugurou ultimamente um trem, que faz o trajecto entre Londres (King's Cross) Newcastle, com uma paragem intermediária em Darlington, no curto espaço de tempo de quatro horas. A distância é de 431,3 quilómetros.

A mesma Companhia vai levar a efeito um programa que comprehende melhoramentos nas estações e no seu material circulante. Para tal fim emiterá um empréstimo de 26 milhões de libras, garantidos pelo Governo.

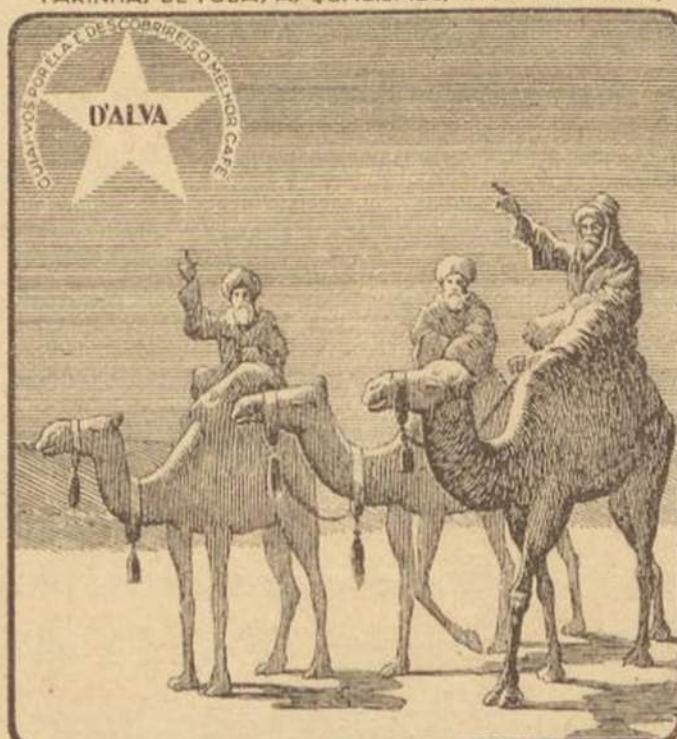
O seu vasto programa de melhoramentos comporta a compra de 300 locomotivas, 230 carruagens e 3.500 vagões para mercadorias.

CAFÉS

DA / MELHORE / PROCEDENCIA / TRATADO / E TOR-
RADO / SEGUNDO O / MAIS / MODERNOS / PROCESES /

CHÁS

DA / MAIS / VARIADA / QUALIDADE /
CACAU / CHOCOLATE / E E /PECIALIDADES /
FARINHA / DE TODA / A / QUALIDADE / E PROCEDENCIA /



PEDIDOS PELO TELEFONE 2:7972
122 - RUA DE S. PAULO - 124
(FRENTE À EGREJA)
LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

Na linha da Beira Alta, por motivo das festas à Senhora da Encarnação, em Buarcos, que se realizam nos dias 6, 7 e 8, há bilhetes especiais, a preços reduzidos, válidos para ida desde o dia 5 e para volta até ao dia 9; e para as festas e feira franca de Santa Eufémia, em Orva, nos dias 7, 8 e 9, há também um serviço especial para Santa Comba Dão, tendo os bilhetes validade para o regresso até o dia 10.

—Para os festejos a Nossa Senhora Dolorosa, em Ribeiradio, que se efectuam nos dias 7 e 8, há nas linhas do Vale do Vouga combóios especiais nos dois dias, a preços reduzidos.

PROTEGEI
os nossos fatos

PÓS DE KEATING
MAS TEM DE SER KEATING

RESTAURANTE

DO
Entroncamento
Sob a direcção de
FRANCISCO MÉRA
Ótimo serviço de mesa
Almoços e Jantares
por encomenda
Entroncamento-Estação

Dr. Augusto d'Esaguy

CLÍNICA MÉDICA

Assistente livre da Cadeira de Sifiligráfia
da Faculdade de Medicina de Lisboa

DOENÇAS DA PELE E SÍFILIS

CONSULTÓRIO:

Rua Garrett, 17-2,º-D.
Consultas ás 17 horas

RESIDÊNCIA:

Av. da Republica, 55-r/c.

TELEFONE: 23555 LISBOA TELEFONE: NORTE 41990
Preços de Policlinica a todos os assinantes desta revista

TINTURARIA Cambournac

11, LARGO DA ANUNCIADA, 12

TELEFONE 2 6415

Sucursal no Pôrto: RUA DE S.ta CATARINA, 380
Oficinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

Tintas para escrever de diversas qualidades
rivalizando com as dos fabricantes
ingleses, alemãis, e outros

Tinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como
fato feito ou desmanchado — Encarrega-se de reexpedição pelo ca-
minho de ferro ou qualquer outra via — Limpa pelo processo
parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem
serem desmanchados — Os artigos de lã, limpos por este pro-
cesso não estão sujeitos a serem atacados pela traça.

Remington Portuguesa, L.ª
109, R. NOVA DO ALMADA LISBOA

OS METAIS LEVES NO MATERIAL DE CAMINHOS DE FERRO

O material de caminhos de ferro evolucionou consideravelmente nos últimos 40 anos.

Corredores e retretes nas carruagens, largo emprêgo de *bogies*, aquecimento pelo vapor, iluminação eléctrica, a madeira substituída pelo aço nas caixas, melhoraram o material, aumentando porém o peso morto cerca de 200 % na 1.^a classe e 450 % na 3.^a.

O peso por passageiro chega a 5 toneladas nas carruagens de luxo.

Foi preciso tornar mais possantes e portanto mais pesadas as locomotivas, o que fez elevar de 30 a 50 quilogramas o peso por metro do carril.

O emprêgo do aço nas caixas em forma de vigas tubulares soldadas aligeirou o material. Procurou-se também, desde 1923, empregar na sua construção metais leves, sobretudo as ligas de alumínio nas partes que não são sujeitas a esforços grandes e não tem que participar da resistência da caixa.

Esse emprêgo de ligas leves permitiu no Norte francês diminuir de 4 a 5 toneladas o peso de carruagens em que se empregaram cerca de 3 toneladas de ligas.

O alumínio puro em chapas empregava-se nos tetos, em revestimentos interiores e nas portas.

Desde 1923 obtiveram-se metais, como o duralumínio, de grande resistência, com características mecânicas próximas das do aço.

O emprêgo desses metais deu excelentes resultados nos Estados Unidos e em França.

A Companhia dos W. L. conseguiu reduzir 7 toneladas no peso de grandes carruagens pelo emprêgo do duralumínio e do *alpax*.

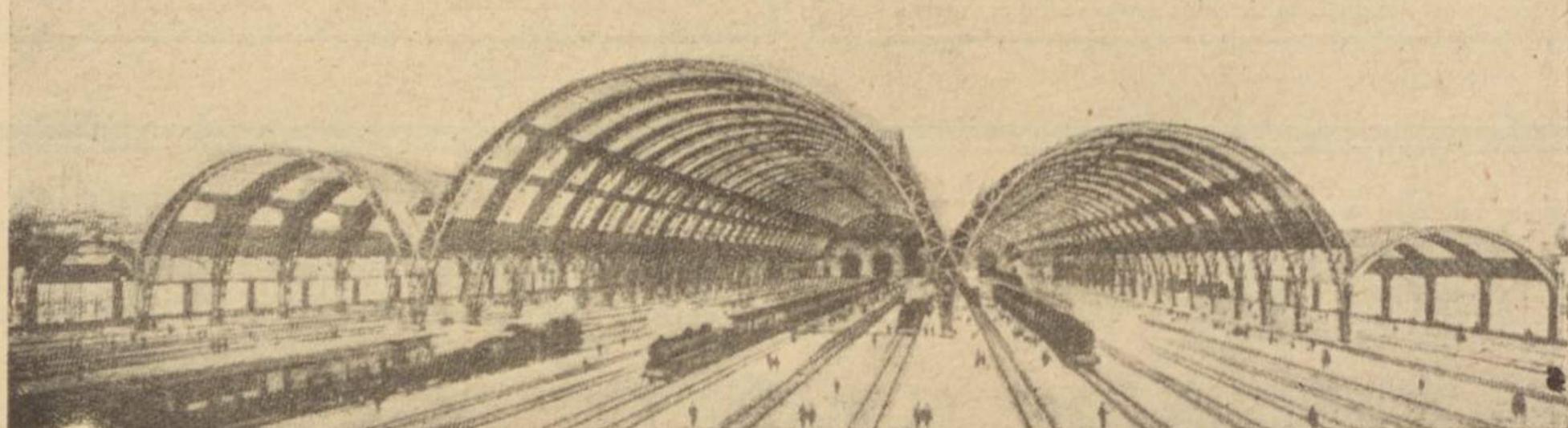
Na Alemanha fizeram-se tentativas audaciosas, construindo-se carruagens para experiência com o esqueleto de aço e os revestimentos de metais leves. Fez-se descer assim o peso da carruagem de 45,4 toneladas a 34,35.

No Estado francês recorreu-se à construção mixta com aço de alta resistência e ligas leves. O emprêgo de 4.900 quilogramas destas deu lugar a um aligeiramento de 8.360.

Andam em serviço 50 dessas carruagens.

São pois notáveis as modificações do material experimentadas para o aligeirar e satisfatórios os resultados obtidos.

(Resumo de um artigo de M. LANCRENON, do Boletim dos Congressos de Caminhos de Ferro).



A GRANDE ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DE MILÃO

ASSENTAMENTO DÉ VIA FÉRREA

PREÇOS PARA ELABORAÇÃO DE ESTIMATIVAS

Por ANTÓNIO GUEDES

(Continuação)

BASE N. ^o	DESIGNAÇÃO	PRÉÇO DE APLICAÇÃO				
		Dos materiais	Dos jornais	Da percentagem para ferramentas (5 %.)	Da percentagem para acidentes (1,5 %.)	
55	Ripagem de via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris, no espaço transversal até 0 ^m ,25 e na extensão de um quilómetro	—	2.192\$43	109\$62,1	32\$88,6	2.334\$93,7
56	Ripagem de via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris, no espaço transversal de 0,26 a 0,50 na extensão de um quilómetro	—	3.110\$06,2	155\$50,3	46\$65,1	3.312\$21,6
57	Ripagem de via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris, no espaço transversal de 0,51 a 0,75 na extensão de um quilómetro	—	3.501\$44	175\$07,2	52\$52,2	3.729\$03,4
58	Ripagem de via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris, no espaço transversal de 0 ^m ,76 a 1 ^m ,00, na extensão de um quilómetro	—	3.937\$48,5	196\$87,4	59\$06,2	4.193\$42,1
III — APARELHOS DE MUDANÇA SIMPLES						
	a) com balastragem					
59	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 30 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	14.755\$15,9	679\$70,1	33\$98,5	10\$19,5	15.479\$04
60	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 30 quilos por m. l., sendo 0,11 a tangente do ângulo da cróxima e 250 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	14.020\$01,3	635\$84	31\$79,2	9\$53,8	14.697\$18,3
61	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 30 quilos por m. l., sendo 0,13 a tangente do ângulo da cróxima e 180 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	13.594\$03,5	615\$14,7	30\$75,7	9\$22,7	14.249\$16,6
62	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 36 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	16.839\$60,5	772\$96,5	38\$64,8	11\$59,4	17.662\$81,2
63	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 36 quilos por m. l., sendo 0,11 a tangente do ângulo da cróxima e 250 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	16.578\$75,7	712\$70,7	35\$63,5	10\$69,1	17.337\$79

BASE N. ^o	DESIGNAÇÃO	PRÉÇO DE APLICAÇÃO				
		Dos materiais	Dos jornais	Da percentagem para ferramentas (5 %)	Da percentagem para acidentes (1,5 %)	TOTAL
64	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 36 quilos por m. l., sendo 0,13 a tangente do ângulo da cróxima e 180 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	16.971\$79,8	635\$90	31\$79,5	9\$53,8	17.649\$03,1
65	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	18.508\$28,2	774\$45,2	38\$72,3	11\$61,7	19.333\$07,4
66	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,11 a tangente do ângulo da cróxima e 250 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	17.608\$26,3	719\$85	35\$99,2	10\$79,8	18.374\$90,3
67	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 39,8 quilos por m. l., sendo 0,13 a tangente do ângulo da cróxima e 180 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	17.073\$03,8	672\$22,7	33\$61,1	10\$08,3	17.788\$95,9
68	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 44,9 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	20.134\$70,7	818\$85,3	40\$94,3	12\$28,3	21.006\$78,6
69	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 44,9 quilos por m. l., sendo 0,11 a tangente do ângulo da cróxima e 250 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	19.412\$75,8	775\$40,5	38\$77	11\$63,1	20.238\$56,4
70	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 44,9 quilos por m. l., sendo 0,13 a tangente do ângulo da cróxima e 180 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar e balastragem	18.699\$82,9	713\$48,7	35\$67,4	10\$70,2	19.459\$69,2
	b) sem balastragem					
71	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 30 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar . .	13.397\$86,1	639\$48,2	31\$97,4	9\$59,2	14.078\$90,9
72	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 30 quilos por m. l., sendo 0,11 a tangente do ângulo da cróxima e 250 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar . .	12.698\$20,9	597\$11,2	29\$85,6	8\$95,7	13.334\$13,4
73	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 30 quilos por m. l., sendo 0,13 a tangente do ângulo da cróxima e 180 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar . .	12.335\$92,1	578\$92	28\$94,6	8\$68,4	12.952\$47,1
74	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 36 quilos por m. l., sendo 0,09 a tangente do ângulo da cróxima e 300 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar . .	15.482\$22,7	733\$12,1	36\$65,6	10\$99,7	16.263\$00,1
75	Uma mudança simples para via férrea de 1 ^m ,665 de largura entre carris com o peso de 36 quilos por m. l., sendo 0,11 a tangente do ângulo da cróxima e 250 ^m , o raio da concordância, incluindo a via intercalar . .	15.256\$95,3	686\$47,9	34\$32,4	10\$29,7	15.988\$05,3

HÁ QUARENTA ANOS

Da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* de 1 de Setembro de 1896

Caminhos de ferro do Estado em Portugal

Começaremos por declarar que, fazendo a devida justiça ao carácter provadamente honrado, á sollicitude evidentemente demonstrada, intelligencia e aptidão profissional dos directores dos nossos caminhos de ferro do Estado, não lhes atribuimos a responsabilidade dos erros que tentaremos apontar n'este importantíssimo elemento de desenvolvimento da riqueza publica que no nosso paiz, é opinião nossa, padece de vicio de origem que urge remediar em benefício da nação, e por conseguinte dos interesses dos cofres do Estado, até agora depauperados nos resultados obtidos.

A administração ferro-viaria pelo Estado tem indole muito diversa da administração particular por companhias.

O Estado não tem só em mira, na construção e exploração de suas vias ferreas, o producto da exploração.

O seu ideal tem de ser outro.

As suas vias ferreas são *um meio*, e não *um fim*, para o desenvolvimento commercial, industrial e agrícola das regiões que atravessam e com que estão em relação.

Muitas vezes tem o Estado necessidade de prescindir de lucros provenientes da exploração de suas rôdes ferro-viarias, para favorecer regiões que, no seu *status quo*, encerram riquezas latentes que a viação accelerada pôde e deve trazer à lume.

A cedencia de lucros imediatos traz, no incremento de valor local, productos para os cofres publicos, que as companhias particulares nem sempre aproveitam, e, por conseguinte, contrabalança nos cofres do Estado, vantagens que a exploração particular só pôde oferecer em muito menor escala, tendo que tirar do seu tráfego, lucros para o seu capital particular.

Ora para esse fim ha que attender ás condições especiaes de cada rôde, e ninguem dirá que a zona servida pela rôde do Sul e Sueste seja identica em indole, em riqueza de productos, população e elementos de exploração ferro-viaria, á zona servida pela rôde do Minho e Douro.

Esta, populosa, geralmente aproveitada de cultura, semeadas de importantes estabelecimentos industriaes, servida de boas estradas e competida por activa industria de viação ordinaria, faz notável contraste com a região do sul do paiz, geralmente falha de população, produzindo generos agrícolas de pouco valor, e quasi completamente desservida de meios de relação entre a linha ferrea e povoações de mais importancia que tem de servir.

Antes, porém, de entrar na analyse das circumstancias especiaes respectivas a cada rôde, devemos fazer notar os inconvenientes do processo, a nosso vêr producto de uma notável anarchia no nosso systema geral de administração superior, que se reflecte na administração ferro-viaria.

Em todos os paizes de que temos conhecimento a administração ferro-viaria, quer do Estado quer de companhias particulares, obedece a um systema uniforme que em Portugal não existe.

O que constitue, para a administração particular, disposição legal de polícia e prescrições commerciaes, representada por zelosa e sollicita direcção fiscal, não existe para as administrações do Estado em que os directores são cumulativamente partes e juizes, e portanto sem grande responsabilidade efectiva em seus actos e disposições.

Não se diga que o conselho geral de obras publicas é o fiscal *ex-officio* das administrações ferro-viarias — a indole d'este serviço não permite as delongas e processos burocraticos de que a nossa administração publica padece.

Ha sem duvida uma repartição dos caminhos de ferro, dirigida por um zeloso e muito sollicito chefe superior, mas são tão restrictas e abstractas as suas attribuições que pouca acção pôde exercer n'este ramo tão complexo e que exige promptas e especiaes resoluções.

O estabelecimento de uma administração geral central dos caminhos de ferro, unica e exclusivamente destinada a superintender na construção e exploração de *todas* as vias ferreas do paiz, é de necessidade absoluta e indispensavel. Uma regulamentação especial, clara, precisa e bem definida sobre polícia e assumtos commerciaes, contendo todos os detalhes de applicação, é de urgente necessidade que seja estabelecida, com applicação a *todas* as vias ferreas portuguezas, constituindo fiscalização efectiva tanto nas rôdes do Estado como nas particulares.

Para as rôdes do Estado a criação de um conselho de administração da grande facilidade aos assumtos geraes, e podendo cumulativamente resolver assumtos administrativos de todas as rôdes do Estado, trazia notável economia, adoptando typos uniformes de material fixo e circulante, fazendo ao mesmo tempo e em epochas proprias suprimentos para todas as rôdes em conformidade com orçamentos bem especificados, elaborados previamente para proverem á reparação da via, ao consumo da exploração, á conservação do material e á acquisição de novos elementos de construção e exploração.

Actualmente vê-se, com grave prejuizo dos cofres publicos, cada administração fazer por seu turno e independentemente acquisição do material, muitas vezes em epochas desvantajosas, e adoptando-se em cada rôde typos e detalhes diferentes que devem de certo prejudicar os gastos geraes de cada uma d'ellas.

Os serviços administrativos poderiam ser os mesmos para todas as rôdes da administração do Estado, reservando para cada rôde os serviços activos que só na propria localidade da acção podem ser exercidos.

O serviço commercial convinha ser bem e regularmente organizado, tendo bem em vista as condições especiaes não só de cada rôde mas em relação a cada localidade — nos meios do contacto com centros affastados — ás competencias e reacções dos que teem interesse em distrahir da via ferrea productos de industrias e riquezas locaes latentes, etc. Este serviço tem necessidade de estudos, informações e acção directa de agentes especiaes condecorados das localidades e e seus productos — centros de consumo, etc. Tal serviço não existe, funcionando regularmente, em nenhuma das administrações do Estado, e mal pôde um director, ainda mesmo quando animado dos melhores desejos e possuindo o mais acrisolado zélo, accumular com os seus deveres technicos e administrativos os detalhes, serviços e trabalhos continuos da exploração commercial, como actualmente sucede, visto que tudo sobrecarrega e está affecto ao director, e por isso não é para admirar que, apesar de todos os esforços, dedicação e intelligencia d'essas direcções, as nossas vias ferreas de administração do Estado, longe de serem o exemplo á administração particular, se mantenham em posição secundaria, seguindo-a no systema de exploração, copiando até textualmente formulários de escripturação e processos administrativos, que deveriam ser ali iniciados e servir de norma a linhas estranhas.

Linhos Portuguezas

Mormugão. — Com prazer lemos que os jornalistas da India britannica se puizeram ao nosso lado na questão da redução das tarifas dos caminhos de ferro Southern Marahatta e Great Indian Peninsular Railway.

O *Times of India*, de Bombaim, chegou a dizer que os inglezes faltariam ao compromisso tomado pelo contracto, de prestar todo o auxilio ao governo portuguez, se continuassem a prejudicar os interesses do caminho de Ferro de Mormugão.

PARTE OFICIAL



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Direcção Geral de Caminhos de Ferro

Repartição dos Serviços Gerais

Secção do Cadastro do Pessoal e Arquivo Geral

Por despachos de 29 de Julho :

Por parecer da junta médica, de 30 de Julho, homologado por despacho de S. Ex.^a o ministro, foram concedidas as seguintes licenças para tratamento, ao abrigo do artigo 15.^o do decreto n.^o 19:478, de 18 de Março de 1931, sendo devidos os respectivos emolumentos :

António Marques Antunes, escrivário de 2.^a classe do quadro permanente desta Direcção Geral — trinta dias de licença.

António Lagos, escrivário de 2.^a classe do quadro permanente desta Direcção Geral — trinta dias de licença.

Por despachos de 31 de Julho :

Manuel Gonçalves Malhado Júnior, engenheiro de 2.^a classe do quadro desta Direcção Geral — concedidos trinta

dias de licença, nos termos do artigo 12.^o do decreto n.^o 19:478, de 18 de Março de 1931.

José de Moura Feio Terenas, engenheiro de 3.^a classe do quadro permanente desta Direcção Geral — idem, idem, idem.

António Luciano Pelengana, terceiro oficial do quadro permanente desta Direcção Geral — idem, idem, idem.

Artur José da Silva Campos, condutor de 1.^a classe de via e obras, desta Direcção Geral — idem, idem, idem.

Manuel Ferreira, fiscal de 2.^a classe de via e obras desta Direcção Geral — idem, idem, idem.

Direcção Geral de Caminhos de Ferro, 3 de Agosto de 1936. — O Director Geral, *Rogério Vasco Ramalho*.

Por despachos de 4 de Agosto :

João de Matos Rodrigues, vogal secretário da comissão administrativa do Fundo especial de caminhos de Ferro, do quadro permanente desta Direcção Geral — concedidos trinta dias de licença, nos termos do artigo 12.^o do decreto n.^o 19:478, de 18 de Março de 1931.

Salazar da Conceição Ferreira Palma, fiscal de 1.^a classe de exploração e movimento do quadro transitório desta Direcção Geral — idem, idem, idem.

Direcção Geral de Caminhos de Gerro, 4 de Agosto de 1936. — O Director Geral, *Rogério Vasco Ramalho*.

Para os devidos efeitos se publicam mais as seguintes promoções, mudanças de designação e baixas de categoria efectuadas no pessoal adstrito aos Caminhos de Ferro do Estado que ficou ao serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, nos termos da regra 3.^a do artigo 15.^o do contrato de arrendamento de 11 de Março de 1927

Nomes	Categorias que tinham	Categorias a que passaram		Datas
		Por promoção ou mudança de designação	Por baixa de categoria	
Serafim Gomes Luciano	Empregado de 1. ^a classe .	Empregado principal . . .	—	1-1-934
José Silva Dias	Empregado de 3. ^a classe .	Empregado de 2. ^a classe .	—	1-1-934
Firmino da Silva Pereira e Cunha	Chefe de Secção	Sub-chefe de repartição .	—	1-1-935
Adelino Loureiro	Encarregado ce contabilidade .	Chefe de Secção	—	1-1-935
José António de Matos	Empregado de 1. ^a classe .	Empregado principal . . .	—	1-1-935
Augusto Salgueiro de Vasconcelos	Idem	Idem	—	1-1-935
Mariano Teodoro Pereira	Idem	Idem	—	1-1-935
Alberto dos Santos	Colaborador ajudante . . .	Empregado de 1. ^a classe .	—	1-1-935
Joaé prata	Chefe de Secção	Sub-chefe de repartição .	—	1-1-936
Luiz de Carvalho Valoura	Empregado principal . . .	Chefe de secção	—	1-1-936
Serafim Cabrita Júnior	Engatador	Akulheiro de 3. ^a classe .	—	21-4-936
Floriano António Pimenta	Carregador	Engatador	—	21-4-936

Da rede do Sul e Sueste

Serafim Gomes Luciano	Empregado de 1. ^a classe .	Empregado principal . . .	—	1-1-934
José Silva Dias	Empregado de 3. ^a classe .	Empregado de 2. ^a classe .	—	1-1-934
Firmino da Silva Pereira e Cunha	Chefe de Secção	Sub-chefe de repartição .	—	1-1-935
Adelino Loureiro	Encarregado ce contabilidade .	Chefe de Secção	—	1-1-935
José António de Matos	Empregado de 1. ^a classe .	Empregado principal . . .	—	1-1-935
Augusto Salgueiro de Vasconcelos	Idem	Idem	—	1-1-935
Mariano Teodoro Pereira	Idem	Idem	—	1-1-935
Alberto dos Santos	Colaborador ajudante . . .	Empregado de 1. ^a classe .	—	1-1-935
Joaé prata	Chefe de Secção	Sub-chefe de repartição .	—	1-1-936
Luiz de Carvalho Valoura	Empregado principal . . .	Chefe de secção	—	1-1-936
Serafim Cabrita Júnior	Engatador	Akulheiro de 3. ^a classe .	—	21-4-936
Floriano António Pimenta	Carregador	Engatador	—	21-4-936

Da rede do Minho e Douro

Joaquim Pinto Teixeira	Carregador	Continuo	—	1-10-928
Carlos Peixoto de Magalhães Brandão	Empregado de 1. ^a classe .	Empregado principal . . .	—	1-1-935
Heitor de Vilhena	Idem	Idem	—	1-1-934
Carmindo Ferreira Duarie	Empregado principal . . .	Chefe de secção	—	1-1-934
José Nogueira da Cunha	Empregado de 2. ^a classe .	Empregado de 1. ^a classe .	—	1-1-934
António Justino Teixira	Empregado de 1. ^a classe .	Empregado principal . . .	—	1-1-935
Jorge Bandeira Peixoto	Empregado de 2. ^a classe .	Empregado de 1. ^a classe .	—	1-1-935
Mário Peixoto de Magalhães Brandão	Empregado de 1. ^a classe .	Empregado principal . . .	—	1-1-936
Henrique Gonçalves da Costa	Idem	Idem	—	1-1-936
Joaquim Alves de Castro	Inspector	—	Sub-inspector.	14-1-936
Jaime da Silva	Artifice principal . . .	Pintor principal	—	1-4-936
Abílio Ferreira dos Santos	Artifice de 1. ^a classe .	Pintor de 1. ^a classe .	—	1-4-936
António José Gomes	Idem	Idem	—	1-4-936
Eduartino Arlindo da Silva Guimaraes	Artifice de 2. ^a classe .	Pintor de 2. ^a classe .	—	1-4-936
António Lopes	Carregador	Guarda de estação	—	21-4-936
Alfredo da Conceição Costa	Idem	Idem	—	21-4-936
José Grijó	Idem	Idem	—	51-4-936

Não carece de visto ou anotação no Tribunal de Contas, porquanto se trata de promoções, mudanças de designação e baixas de categoria efectuadas, não pelo Estado, mas pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, ao abrigo dos seus regulamentos privativos, nos termos da regra 3.^a da base XV do decreto n.^o 13:260, e visto que os vencimentos dos interessados são pagos pela referida Companhia, e não pelo Estado.

Lisboa e Direcção Geral de Caminhos de ferro, 22 de Julho de 1936.—O Director Geral, *Rogério Vasco Ramalho*.

Por contratos de 21 de Julho próximo findo, visados polo Tribunal de Contas em 4 do corrente mês, sendo devidos emolumentos, nos termos, nos termos no decreto n.º 22:557:

Francisco Moraes Ferreira — nomeado servente do quadro permanente desta Direcção Geral, para preenchimento de vaga existente, ao abrigo do disposto nos decretos n.os 26:115 e 26:117.

José Ferreira da Silv Amorim Júnior — nomeado servente do quadro permanente desta Direcção Geral, para preenchimento de vaga existente, ao abrigo do disposto nos decretos n.os 26:115 e 26:117.

Joana da Silva Amorim — nomeada servente do quadro permanente desta Direcção Geral, para preenchimento de vaga existente, ao abrigo do disposto nos decretos n.os 26:115 e 26:117.

Direcção Geral de Caminhos de Ferro, 5 de Agosto de 1856. — O Director Geral, *Rogério Vasco Ramalho*.



Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

SERVIÇO DE VIA E OBRAS

ANÚNCIO

Pelo presente se faz público que no dia 14 de Setembro próximo, pelas 12 horas, se recebem propostas, no Escritório do Serviço de Via e Obras, em Figueira da Foz, para o fornecimento de mil travessas rectangulares de pinho manso, nas condições do Caderno de Encargos datado de 3 de Agosto corrente, que se acha patente todos os dias úteis, das 9 1/2 horas às 12 1/2 horas e das 14 horas às 18 horas.

Figueira da Foz, 3 de Agosto de 1936.

O Engenheiro Director, *Fernando Arruda*

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

SERVIÇO DE VIA E OBRAS

ANÚNCIO

Pelo presente se faz público que no dia 12 de Setembro próximo, pelas 14 1/2 horas, recebem-se propostas em carta fechada no Escritório do Serviço de Via e Obras, para o fornecimento de azulejos artísticos destinados à Estação de Vilar Formoso, nas condições do Caderno de Encargos datado de 5 de Agosto corrente, que se encontra patente no referido Escritório todos os dias úteis, das 9 1/2 horas às 12 1/2 horas e das 14 às 18 horas.

Figueira da Foz, 5 de Agosto de 1936.

O Engenheiro Director da Exploração

(a) *Fernando d'Arruda*

— ESTE NÚMERO FOI VISADO —

— PELA COMISSÃO DE CENSURA —

LINHA DE GUIMARÃES



NOVA ESTAÇÃO DE VIZELA



R. G. DUN & C.[°]

DE NEW YORK

★ Agência internacional ★
de informações comerciais

FUNDADA EM 1841

ESCRITÓRIO EM LISBOA

(DIRECÇÃO PARA PORTUGAL)

15, Rua dos Fanqueiros

SUCURSAL NO PORTO

Avenida dos Aliados, 54

Frein pour Chemins de Fer à Vapeur & électriques,
Automotrices, Camions automobiles &c.
Chauffage & Conditionnement de l'air pour tous Véhicules

COMPAGNIE DES FREINS WESTINGHOUSE
ÉTABLISSEMENTS DE FREINVILLE,
Sevran (Seine-et-Oise) France

L U S A L I T E

Chapas onduladas para telhados, e lisas para tabiques, tetos,
isolamentos, etc. Canalizações de agua, gaz e vários produtos
químicos, industriais e agrícolas para protecção de redes
subterrâneas electricas e telefonicas, etc.

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}

RUA DE S. NICOLAU, 123—LISBOA—Telefones 23948 e 28941

Enderéço telegráfico: LUSALITE



TELEFONE 22921

ARMAS

Não compre armas de caça, recreio ou de defesa, sem consultar a

ESPINGARDARIA BELGA

RUA DOS CORREIROS, 269

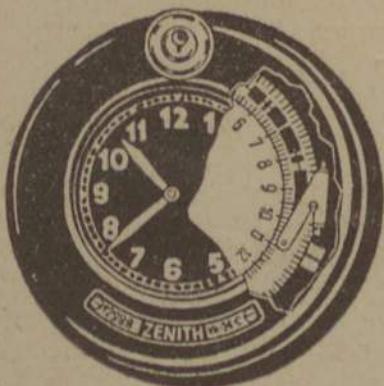
(Frente à Praça da Figueira,

LISBOA

AGENCIA C. P. L.

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES, REPRESENTAÇÕES nacionais e estrangeiras—ANÁLISES QUÍMICAS e BIOLÓGICAS sob a direcção do Snr. Dr. Jorge Capinha—SONOTONE—o melhor aparelho para surdos, fazendo voltar a audição e reeducando os ouvidos—SURDOTONE especialidade estrangeira para VERTIGENS, SURDEZ e ZUMBIDOS. À venda nas Farmácias ao preço de Esc. 25\$00 cada frasco, para as províncias ao mesmo preço. Portes grátis.

Escritório e Laboratório, no Pôço do Borratém, 33, s/loja--Telef. 28352--LISBOA



Controlae os vossos veículos, as vossas máquinas, o vosso pessoal com os RELÓGIOS de controle

«ZENITH-Recorder»

o mais perfeito e prático que tem aparecido no mercado

OLIVEIRA & CORTE REAL, L.^{DA}

Rua dos Fanqueiros, 62, 1.^o

L I S B O A

P A P E I S

FÁBRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA

Obtiveis em todos os armazens de papeis e papelarias

Depósito: GUILHERME GRAHAM J. OR & C. A

156, Rua da Alfândega, 158—LISBOA

GABRIEL LUIS

Agente de passagens e passaportes habilitado pelo Distrito de Lisboa. Encarrega-se de documentos e passagens em todas as classes, para a Europa, Américas e Colónias
Escrítorio: R. da Prata, 40, 1.-D, (próximo à Praça do Comércio), Telefone 28963
Residência: L. Dr. Afonso Pena, 46, 2.^o, Telefone 41837
L I S B O A



DANIEL DE CARVALHO

Compra e Venda

- DE -

CEREALIS E LEGUMES

3, Campo das Cebolas, 3

Telef. 26855

LISBOA

TINTURARIA PIRES BRANCO

CASA FUNDADA EM 1835

DE Maria d'Assunção. Silva Branco
45, Calçada do Carmo, 47-LISBOA-Telef. 21860
(Juato á Estação do Rocio)

10% A TODOS OS EMPREGADOS FERROVIÁRIOS
CONFRONTEM OS NOSSOS ACABAMENTOS

FAZENDAS—Tinge em todas as cores, garantindo-as, lava e limpa a seco (Degraissage à sec) toda a qualidade de fazendas, seda, (mesmo a seda acetato), lã, jutas, algodão, capas de borracha, tapetes, feltros, etc.—PELES—Curte, tinge, limpa, transforma e confecciona toda a classe de peles.

GRANDE SORTIDO A PREÇOS CONVIDATIVOS

ATENÇÃO—As nossas secções de lavandaria e engomadaria encarregam-se de toda a classe de roupas a preço convencionais. PASSA-SE a ferro fatos de homem e vestidos de senhora em 15 MINUTOS, tendo os Ex.^{mos} fregueses um gabinete de espera.—LUTOS EM 12 HORAS—Os fatos e vestidos não tem necessidade de ser desmanchados para tingir

ANTIGOS COMBATENTES CATÓLICOS

Assisti em massa ao CONGRESSO

Peregrinação Internacional da PAZ em LOURDES

Nos dias 11, 12, 13, 14 e 15 de Setembro de 1936

Organizado pela Liga dos Padres, Antigos Combatentes (P. A. C.)

Secção portuguesa: Sob a presidência de

Sua Eminencia Reverendissima o Senhor Cardeal Patriarca

e com a assistência do **VENERANDO EPISCOPADO PORTUGUÊS**

Director Nacional: **Sua Excelência Reverendissima o senhor BISPO DE BEJA**
Antigo Capelão-Chefe do C. E. P.

Na secção portuguesa podem inscrever-se todos os católicos que participem dos ideais da Paz

Pedir indicações ao: **Secretariado do Congresso-Peregrinação da Paz — Praça dos Restauradores, 13**

LISBOA

Telefone 23188

AVISO IMPORTANTE: Só as pessoas que se inscreverem neste Congresso-Peregrinação, poderão assistir às cerimónias em Lourdes. Nos dias 11, 12 e 13 de Setembro, a Gruta e o recinto estão exclusivamente destinados às cerimónias da P. A. C.

Sociedade Anónima

BROWN, BOVERI & C.^{IE}

BADEN (FABRICAS EM BADEN E EM MUNCHENSTEIN) SUISSA

A firma que instalou o maior número de kilowatos nas Centrais Eléctricas Portuguesas —
A firma que montou o maior número de turbinas a vapor :— em Portugal. :—

Representante geral:

EDOUARD

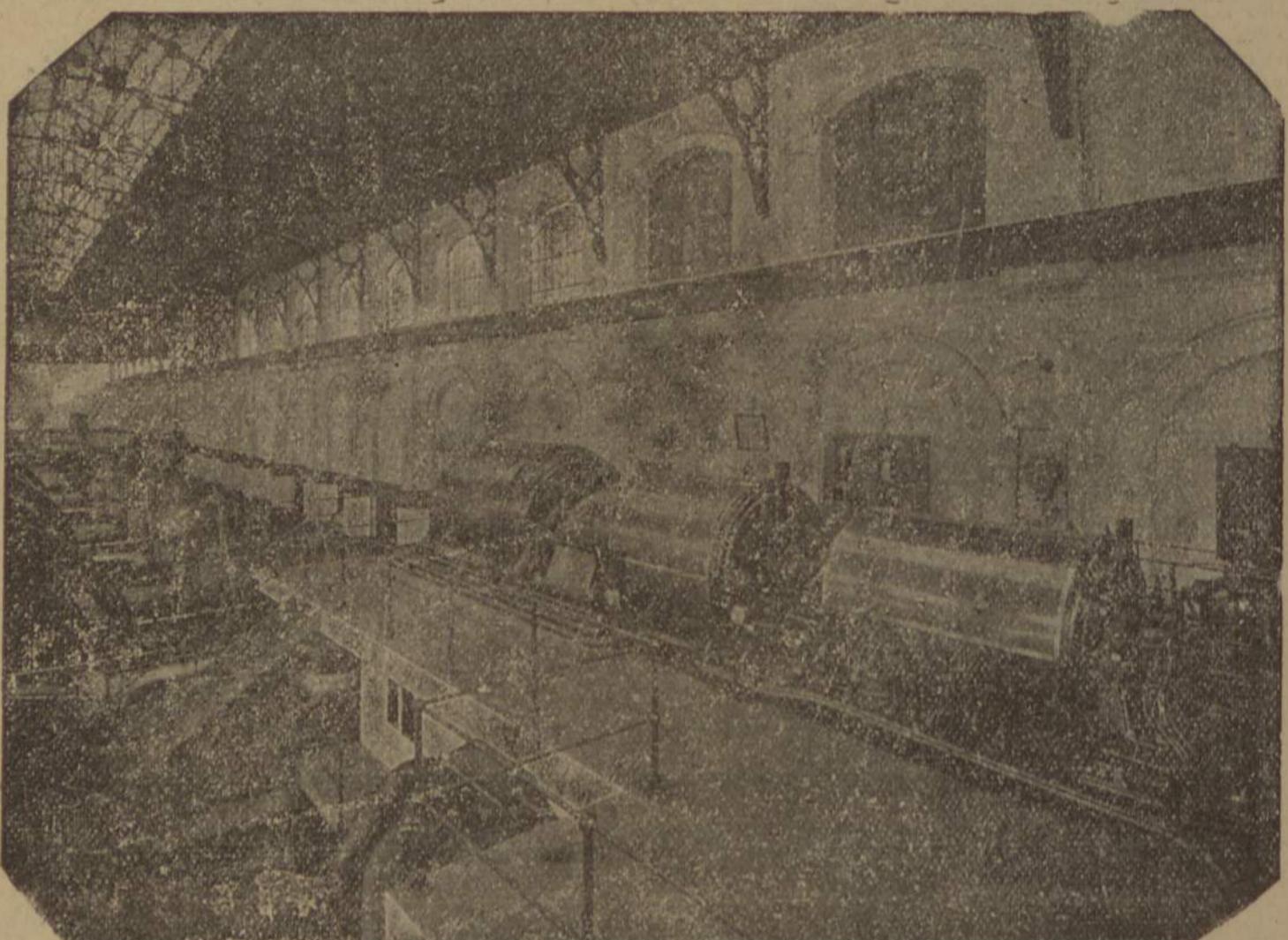
DALPHIN

ENGENHEIRO-
DELEGADO

Escrítorio técnico: R. Passos Manoel 191-2º

porto

O turbo grupo a vapor de 5.000 kilowatts da Central de Massarelos
da Companhia Carris de Ferro do Porto



Remington Portuguesa, L. da

109, R. NOVA DO ALMADA

LISBOA



Dirija-se à [COMPANHIA DOS TELEFONES](#)

COMPANHIA DOS TELEFONES

R. NOVA DA TRINDADE, 43

L I S B O A

Toda a gente
vai ter Telefone!

Toda a gente
tem Telefone
MAIS BARATO!

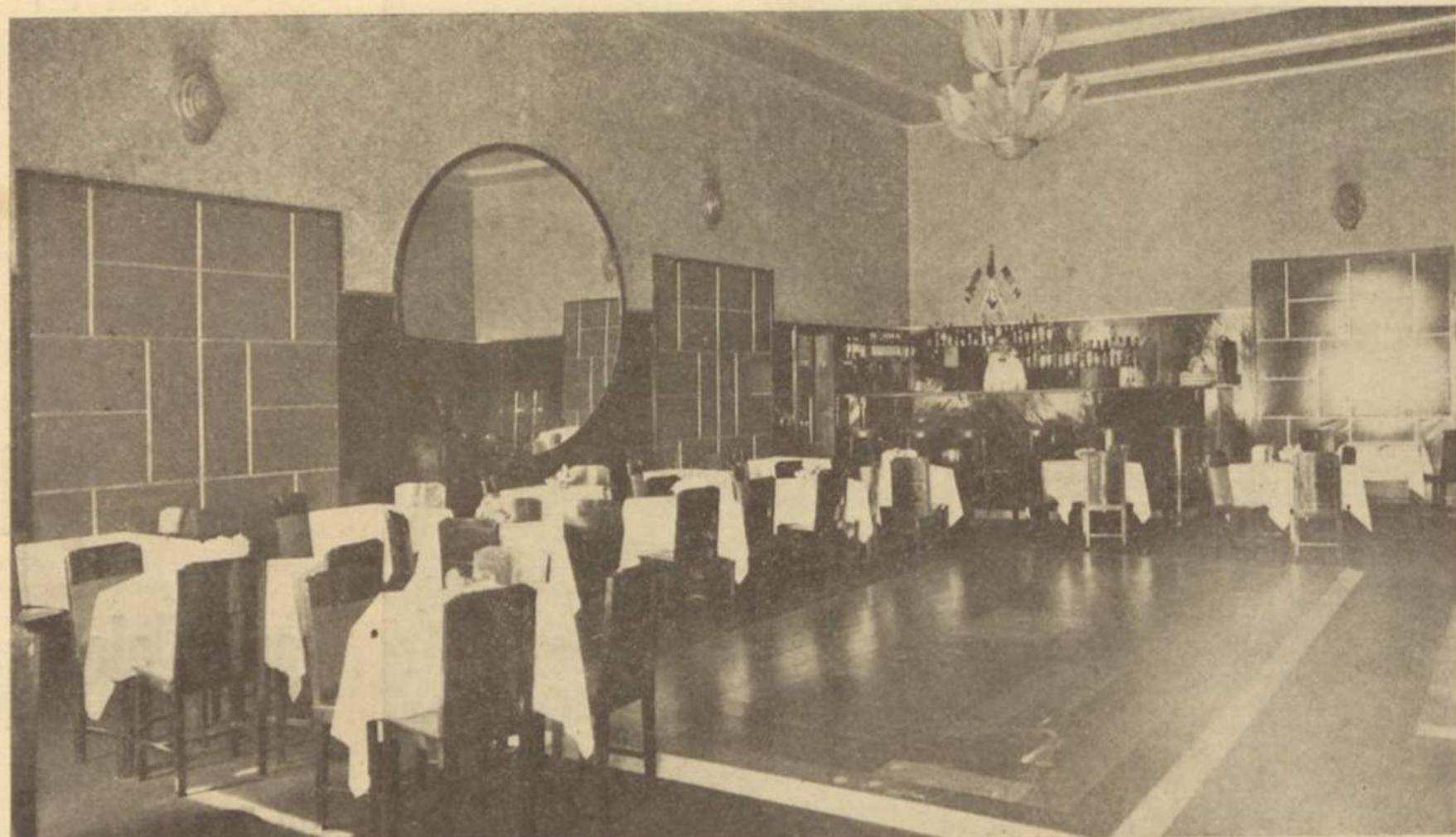
Grande Casino de Espinho

Zona de jogo e turismo

Aberto de 1 de Junho a fins de Novembro

2 ORQUESTRAS 2

THE SNAPPY BOYS E ODEON



Restaurant-Dancing do Casino

Magnífico serviço de Restaurant e Bar

Carreiras de auto-carros de Porto-Espinho e vice-versa de 20 em 20 minutos
Partidas do Porto da GARAGE ATLANTIC — na Rua Alexandre Herculano

Combóios a partirem da Estação de S. Bento-Porto
Com pequenos intervalos